

Leitura literária na Educação Infantil

inter-relações humanizadoras



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO

Leitura literária na Educação Infantil

inter-relações humanizadoras



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO



Prefeito do Município de São Paulo
Ricardo Nunes

Secretário de Educação
Fernando Padula

Secretário Adjunto de Educação
Bruno Lopes Correia

Secretária Pedagógica Municipal
Maria Silvia Bacila

Chefe de Gabinete
Ronaldo Tenório

Coordenadora da Coordenadoria Pedagógica
Simone Aparecida Machado

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Diretora
Mariana Silva Lima

Equipe Técnica
Agleide de Jesus Vicente
Ana Barbara dos Santos
Beatriz Rocha Vicente
Debora Cristina Bevilacqua Ollandin Neves
Matilde Aparecida da Silva Franco Campanha
Sara Letícia Martiniano da Silva Alves
Talita Alves Silva

Equipe Administrativa
Adriana Suzano Montenegro
Anna Maria de Feo Vieira
Romy Schinzare

Equipe de estágio
Ana Beatriz Pires de Assis
Giuliano Pereira Massimo
Heloísa Castelli Celeste
Maria Eduarda Oliveira Flores

DIVISÃO DE CURRÍCULO

Diretora
Maria Cristina Rodrigues

Assessor Técnico III
Fernando Sales Vitorino

NÚCLEO LEITURA E LITERATURA

Equipe Técnica
Adriana Zenezi
Karla de Oliveira Queiroz
Luciene Aparecida Grisolio Cioffi
Kelly Aparecida Brandão Avelino
Samir Ahmad dos Santos Mustapha

Equipe de estágio
Gabriel Luiz Maschietto

Coordenação e elaboração
Ana Barbara dos Santos
Cássia Vianna Bittens
Dianne Cristine Rodrigues de Melo
Juliana Gonçalves Mutafi
Regiane Paulino

Assessoria pedagógica
Cássia Vianna Bittens

Revisão textual
Bruno Carvalho da Silva Barros
Roberta Cristina Torres da Silva

Projeto Gráfico e Diagramação
Equipe DIEI 2024

Leitores críticos
Bruno Carvalho da Silva Barros
Camila de Vila Nova Gonçalves
Denis Dias de Toledo
Dolores Prades
Eva Santos
Guilherme Cunha de Carvalho
Guilherme Pereira do Nascimento Melo
Heloísa Castelli Celeste
Julia Maria Lacerda dos Santos
Samir Ahmad dos Santos Mustapha
Talita Alves Silva
Thiago Pacheco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.
Leitura literária na Educação Infantil : inter-relações humanizadoras. –
São Paulo : SME / COPED, 2025.
128 p. : il.

Bibliografia

1. Educação Infantil. 2. Leitura e literatura – Educação Infantil. I. Título.
CDD 372.21

Código da Memória Documental: SME59/2025
Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877



GRUPO DE TRABALHO

**Professoras(es), Coordenadoras(es)
Pedagógicas(os) e Diretoras(es)**

Adriana Cristina Lourenço Iupi
Amanda Jorri de Tomei
Ana Cláudia Bussaneli
Audrey Lopes Bessa do Nascimento
Carlos Eduardo Pinto Vergueiro Filho
Caroline Gusmão Figueira Santesso
Cassio Everton dos Santos
Cecília Teodoro Gomes da Costa
Celise Iraola Suarez
Cinthia Krayuska de Araujo
Claudia Aparecida Cesar Rezende
Claudia Aparecida de Souza
Debora Naso
Dorotêa Bittencourt Dias
Driele Nunes de Passos
Erika Tieme Betim
Estevão Firmino
Fabiana Martins Costa
Fernanda Kalil
Fernanda Suniga Barbosa
Gabriela Nogueira de Santa Bárbara
Josivania Pereira Mendonça de Souza
Jucimara Luiza de Merilis Silva Lidianne
Cristina Loiola Souza
Ligia Gonzalez Sanchez
Lúcia Ramalho Nunes Munis
Luciana Leopoldo Ribeiro Venancio
Marcus Vinícius de Siqueira
Maria das Dores Macedo Lehpamer
Paula Gardenia Lucena Gallego
Rita Angélica Brandão
Rosana Cordeiro Silva
Sheila Neves Molina Cavalcante
Taís da Costa Nascimento da Silva
Tatiane de Lima Silveira
Tayz Lucas de Oliveira Souza

Formadoras(es) DIPED Educação Infantil

Ana Paula Dias
Andrea Aparecida dos Santos Duarte
Andréia Pereira Marques
Cassia Christina Baptista
Claudia Gonçalves da Silva
Damaris Gomes de Lima
Denis Dias de Toledo
Denise Pizzoni Moreno Rocha
Elisabete Martins da Fonseca
Erika Luiza da Fonseca
Fabiana Paulino Lameirinha
Fabiane de Oliveira Paes Bezerra
Luiza Soares Bayerlein Lira
Maria Tereza Vieira Schinzari
Patrícia Ercília da Silva Sabatini
Paula Veronesi Batista Alves
Regiane Serafim Abreu Silva
Roberta Pereira de Lima Diniz
Rosangela Martins Caproni
Rosangela Pereira Morgado
Thamiris Cruz
Vanessa Carneiro Dias

**Formadoras(es) DIPED
Núcleo de Leitura e Literatura**

Lúcia Ramalho Nunes Munis
Maria Inês Alves Pereira
Rita de Cássia Almeida Braga
Thalita Garcia Lopes

CRÉDITOS DAS FOTOS:

EMEI Lourenço Filho – Ana Barbara dos Santos, p. 5, 7, 18, 75, 81 e 86
Formação de DIPEDs – Ana Barbara dos Santos, p. 8 e 116
EMEI Pérola Byington – Ana Barbara dos Santos, p. 12, 26, 83 e 123
CEI Jardim Peri – Jeferson Costa, p. 25
EMEI Roberto Burle Marx – Ana Barbara dos Santos, p. 27 e 95
CEI Wilson José Abdalla – Ana Barbara dos Santos, p. 29, 62 e 113
CEI Parque Vila Calu – Sandra Loiola, p. 32
EMEI Elis Regina – Paula Veronesi Batista, p. 35 e 56
CEI Wilson José Abdalla – Erika Tiemi Betim, p. 37 e 82
EMEI Elisa Kaufmann – Luiza Soares Bayerlein Lira , p. 54
CEI Inconfidentes – Maria das Dores, p. 47, 49 e 92
CEI Maria Aparecida Nascimento – Taís Nascimento, p. 59
CEI Luzia Bezerra II – Luiza Soares Bayerlein Lira, p. 59
CEI Inezita Barroso – Glória Rodrigues, p. 52
CEMEI Pacheco Gato – Taís Nascimento, p. 67
CEI Cidade Pedro José Nunes – Ana Barbara dos Santos, p.84
CEI Issa Parque Kurbhi – Sandra Loiola, p. 87
EMEI Parque Vila Lobos – Ana Barbara dos Santos, p. 91
CEI Shangri-la – Ana Barbara dos Santos, p. 92
CEI Enedina de Sousa Carvalho, p. 92
EMEI Alceu Maynard – Ana Barbara dos Santos, p. 103 e 104



Apresentação

A literatura na Educação Infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos bebês e das crianças. As práticas nas Unidades de Educação Infantil, há tempos, têm oportunizado maior e melhor contato com diferentes contextos e emoções para esse desenvolvimento. Durante a primeiríssima infância, os bebês são sensíveis aos sons, ritmos e entonações da fala, dessa forma, a leitura de textos literários pode ampliar e fortalecer seus vínculos, criando momentos de conexão e afeto.

É preciso ressaltar que o contato com a linguagem literária introduz o bebê à cultura do escrito e mesmo que ainda não compreenda o conteúdo das histórias, eles beneficiam-se da cadência e da melodia da leitura, que podem produzir diferentes sentidos e promover o desenvolvimento integral.

Pensando em todo trajeto planejado por nossas Unidades e visando sistematizar discussões e práticas existentes, é que este documento foi pensado e concebido. Em consonância com o *[Currículo da Cidade:](#)*



Educação Infantil, lançado em 2019, ele aborda o papel crucial da literatura na Educação Infantil e considera todo o seu potencial, em todos os aspectos, inclusive na conexão de diferentes perspectivas culturais, pois a leitura literária se apresenta como uma das primeiras experiências com as artes, garantindo os direitos éticos, políticos e estéticos preconizados nas Diretrizes Curriculares Nacionais.

A Divisão de Educação Infantil, em parceria com o Núcleo de Leitura e Literatura, criou um Grupo de Trabalho (GT) em 2022, com educadoras(es) da Rede para formular um diálogo sobre o lugar da literatura nas Unidades de Educação Infantil e, para ampliar a discussão, ocorreram, também visitas em 10 Unidades. Dessa forma, durante as discussões e nas observações feitas durante as visitas, foram levantados elementos que deram base para o início do documento. Em 2023, o GT voltou a se reunir, abrangendo novos membros. Nesse momento, a escrita foi se consolidando e abrindo caminho para as relações de cuidado que se estabelecem na leitura literária para as infâncias, permeando a organização dos espaços, a escolha do acervo e a mediação. As narrativas do cotidiano educacional foram trazidas pelas participantes em práticas, fotos, vídeos e projetos compartilhados com o GT, os quais foram cruciais para a definição dos aspectos que o documento deveria privilegiar neste momento.

Partindo dessa premissa, integramos ao estudo da literatura para as infâncias, os conceitos de cuidado e de cultura na Educação Infantil, destacando como esses elementos são fundamentais para o desenvolvimento de bebês e crianças.

Os fazeres não aparecem de maneira isolada, pelo contrário, são articulados e acontecem concomitantemente, o que faz da Educação



Matriz de saberes, Currículo da Cidade: Educação Infantil, 2019, p. 40

Infantil uma etapa dinâmica, que preconiza o cuidado e o aprendizado, de forma a auxiliar os bebês e as crianças na tarefa de conhecerem a si e os outros, de ter consciência de seu corpo e seus sentimentos, de conviver com manifestações artísticas, desenvolver a comunicação, ter contato com a natureza, tecnologia, cultura, enfim, pensando a criança e sua integralidade.

No decorrer do texto, será enfatizada a importância de um ambiente de aprendizagem que valorize a individualidade e promova a inclusão, a partir dos princípios do Currículo da Cidade com destaque para a Matriz dos Saberes. Ao explorar a importância da leitura literária na Educação Infantil, defendemos que o trabalho pedagógico considere o princípio

de que bebês e crianças são leitoras ativas desde o nascimento. A leitura com e para bebês e crianças deve transcender a preparação para a leitura futura, mas deve envolver a interpretação ativa do mundo por meio de livros que apresentam uma série de elementos significativos, como a narrativa, a materialidade e a bibliodiversidade, aspectos apresentados e explorados ao longo deste documento.

Ao fazer o estudo deste documento, é importante fazer interlocução com os demais documentos orientadores do trabalho na Educação Infantil da RME-SP: o Currículo da Cidade: Educação Infantil, o Currículo integrador da Infância Paulistana, a Normativa de Registros e os Indicadores de qualidade da Educação Infantil Paulistana são estruturantes das discussões que permeiam o atual documento Leitura literária na Educação Infantil inter-relações humanizadoras.

O papel de professoras(es) mediadoras(es) é defendida como premissa para uma experiência significativa e aberta. Os principais aspectos de uma mediação bem planejada são apresentados e discutidos de forma reflexiva. Nessa mesma direção, lançamos o olhar para a organização dos tempos, espaços e materialidades como fundamentais para expandir os ambientes de leitura também para áreas externas, e organizar salas de referência e espaços de leitura a fim de criar um ambiente acessível, diversificado e atrativo.

A Rede Municipal de Ensino de São Paulo mantém um acervo literário diverso, atualizado com frequência com obras direcionadas para as infâncias, bem como para a formação leitora de todas(os) profissionais da Rede. A seleção do acervo é realizada por uma comissão de especialistas que, com análises criteriosas, prezam pela qualidade do livro: do papel de cada página à palavra escolhida pela(o) autora(or), preconizan-

do representatividade, evitando estereótipos e lugares-comuns. A escolha parte de critérios presentes nos princípios defendidos e explicitados neste documento e culmina em Unidades Educacionais repleta de livros.

Por isso, este documento é fundamental e auxiliará, de diferentes maneiras, no planejamento de ações, desde o recebimento e organização dos livros a chegada deles às Unidades Educacionais, com o intuito de garantir que sejam lidos! É crucial reforçar a importância de educadoras(es) serem leitoras(es), é preciso conhecer o acervo para planejar práticas literárias utilizando-o. O documento enfatiza que, ao integrar a literatura às artes, a seleção de livros deve priorizar diversidade temática e qualidade literária, evitando mensagens didatizantes óbvias e focando em experiências estéticas, afinal, o livro não está a serviço de algo.

Assim, acreditamos que a literatura é um direito universal e essencial para o desenvolvimento das crianças. É pela literatura que podemos promover diversidade e inclusão e formar leitores críticos e criativos desde cedo. Que este documento seja um ponto de partida para inúmeras discussões sobre a temática. Sejam bem-vindas e bem-vindos a estas páginas e estejam conosco para além delas, por uma educação pública de qualidade e que oferece literatura desde cedo e para sempre.

Boa Leitura!



Carta do secretário

Prezadas educadoras e prezados educadores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo,

Com grande alegria, apresentamos as orientações da Secretaria Municipal de Educação para as Unidades de Educação Infantil, naquilo que diz respeito à importância da literatura na vida de bebês e crianças de nossa cidade. Este documento, intitulado *Leitura literária na Educação Infantil: inter-relações humanizadoras*, foi elaborado por muitas e muitos profissionais que, em contato com bebês e crianças nos diversos territórios de São Paulo e, apropriados de processos formativos sobre a Literatura, articularam orientações, propostas e estratégias que ajudem as(es) educadoras(es) a refletir sobre esta forma de expressão.

Com base no *Currículo da Cidade: Educação Infantil* (2019), este documento versa sobre a importância da linguagem, com foco para a Literatura, no processo de desenvolvimento de bebês e crianças, assim como versa sobre a importância da mediação das educadoras(es) no processo de leitura literária.

Com base em uma Cultura do Cuidado, que preza pela construção de ambientes seguros, acolhedores, pela devida escuta e observação de bebês e crianças, a literatura emerge na Educação Infantil como um recurso que impulsiona a inserção cultural e social desses bebês e crianças e a promoção de seus desenvolvimentos estéticos, cognitivos e emocionais.

Este documento também apoia as educadoras(es) da RMSP para refletirem sobre as estratégias de leitura literária e acolhimento que podem ser praticadas nos espaços educacionais, bem como a forma de disponibilizar os livros, os possíveis critérios para a seleção da literatura infantil. Ele igualmente aponta sobre a importância da bibliodiversidade e da Lei 10.639/2003 na construção de todas essas práticas. Estando ainda em consonância com os termos disposto pelo artigo 26 da Lei de Diretrizes e Base da Educação, com redação dada pela Lei 11.645/08.

Por meio do documento *Leitura literária na Educação Infantil: inter-relações humanizadoras*, esperamos que educadoras(es) se conectem com o potencial de humanização que a literatura carrega e que impactam toda a sociedade. Que todas(os) possamos desfrutar desta belíssima forma de expressão e que nossos bebês e crianças sejam sujeitos do direito à literatura. Para isso, esperamos que educadoras(es) e toda a comunidade educacional possam se envolver com estes estudos e práticas pedagógicas.

Fernando Padula
Secretário Municipal de Educação





Sumário

Apresentação 13

1. Cultivando cuidados, culturas e infâncias 23

Cultura do Cuidado no contexto educacional 25

Mas por que uma Cultura do Cuidado na infância? 30

Matriz de Saberes 34

Cultura Infantil e Compartilhamento de Práticas Culturais 36

Alimentos simbólicos e Literatura 40

2. Leitura Literária na Educação Infantil 41

Literaturas 42

Poéticas da Oralidade 43

Cultura da Oralidade 47

Literatura para as Infâncias 48

Literatura Infantil Afrocentrada 50

Livro Ilustrado 51

Lendo na primeira infância **55**
 Disponibilidade de escuta, observação e entendimento 56
 Lendo com bebês e crianças de 0 a 3 anos 59
 Lendo com crianças de 4 e 5 anos 63
Indicadores de qualidade da Educação Infantil Paulistana **66**

3. Espaços de Leitura e Acervos 71

Espaços de leitura **72**
 Seleção de Livros nas Salas de referência 74
 A importância da Bibliodiversidade 76
 Obras Literárias 77
 O Papel das(os) Educadoras(es) na Experiência Literária 78
 A Experiência da Leitura 82
 Organização do Espaço de Leitura e o Acesso Autônomo aos Livros 83
 Observação e Intervenção das(os) Educadoras(es) e a Importância dos Registros Docentes 84
 Livros como Objetos Artísticos 85
 Expandindo a Sala de Referência 89
 Ampliando os Espaços de Leitura 90

Acervos **91**

Seleção Criteriosa 91
 Manutenção do Acervo 92
 Critérios de qualidade 93
Construindo um Espaço de Leitura com Intencionalidade **100**
 Planejamento: Defina os Objetivos do Espaço 100
 Organização: Crie Ambientes Aconchegantes e Funcionais 100
 Conhecimento e Seleção 102

Análise Detalhada 102
 Investigação das Conexões 103
 Agrupamento por Critérios 103
 Avaliação da Coerência e Definição da Intencionalidade 103

4. Considerações para reverberar a literatura no cotidiano 105

5. Acervo complementar de vídeos formativos 109

6. Referências 123

An abstract graphic on the left side of the page. It features a solid pink background. Overlaid on this are several teal-colored geometric shapes: two large semi-circles, one on the left and one on the right, and two long, thin rectangular strips that cross each other in the center, forming an 'X' shape. The strips and semi-circles are positioned such that they appear to be layered or overlapping.

1. Cultivando cuidados, culturas e infâncias

Iniciamos essa conversa com pressupostos que são a base de uma relação próspera entre bebês, crianças, adultos, o território e a Unidade Educacional — UE, o Cuidado e a Cultura, que estão e estarão entrelaçados a cada virada de página deste material.

Para que possamos reconhecer bebês e crianças como cidadãos, se faz urgente revisar e (reavivar) esses dois conceitos fundamentais: Cuidado e Cultura.

Para a filósofa Marilena Chauí (2000), há dois significados iniciais para a “Cultura”. O primeiro, destaca a origem latina do verbo *colere*, que significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar (p. 372), e nesse sentido, trata-se do aprimoramento da natureza humana pela educação em sentido amplo, na qual a formação de bebês e crianças pequenas é realizada na e pela coletividade. O segundo significado, que ganha força a partir do séc. XVIII se refere aos resultados dessa formação humana expressos em “obras, feitos, ações e instituições”. Para a autora, com o avanço desse significado, o conceito de Cultura ganhou uma dupla

Os cuidados na primeira infância são indissociáveis dos processos educativos e, portanto, educar com cuidado e para o cuidado é o cerne da EDS (Educação para o Desenvolvimento Sustentável) na primeira infância, garantindo acolhimento, escuta, criação de vínculo e desenvolvimento saudável.

Currículo da Cidade Educação Infantil, 2022, p. 60

conotação. Primeiramente, refere-se às realizações humanas que se manifestam dentro de uma sociedade civilizada. Em segundo lugar, refere-se à interação dos seres humanos, organizados socialmente, com o tempo, o espaço, outros seres humanos e a natureza, interações que estão sujeitas a mudanças e variações ao longo do tempo. Dessa forma, o conceito de cultura pode ser entendido como “toda produção simbólica de uma sociedade”.

Vejam que este conceito é muito amplo e complexo e, por isso, assumimos um olhar para a cultura enquanto produção humana com-

partilhada na qual forjamos nossas identidades em uma sociedade, em uma maneira de compreender o mundo e nas linguagens que desenvolvemos para interagir e transformar nossa realidade diariamente. A cultura, entendida aqui sob esses termos, representa tanto o mundo que nos cerca quanto a maneira como esse mundo nos define.

Na palavra “cuidar”, em sua etimologia, temos a noção de pensar e refletir, indicando que para que haja um cuidado genuíno, precisamos conhecer profundamente as necessidades daqueles que cuidamos e/ou cuidaremos. Um currículo que inclua as dimensões de tempos, espaços, materialidades, interações e intencionalidades são fundamentais no cuidar. Dessa forma, na UE é essencial proporcionar aos bebês e às crianças um cuidado atento, que seja gentil e respeitoso, tendo como objetivo garantir seu desenvolvimento integral, saudável, além de facilitar seu acesso aos bens culturais e sua integração na sociedade.



Assim, abordar os conceitos de Cuidado e Cultura torna-se essencial ao refletir sobre a primeira infância e deve ser uma prioridade nas discussões sobre Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de São Paulo — RME-SP. Afinal, é por meio desses temas que podemos assegurar a promoção efetiva de um ambiente educacional que estimule o crescimento e o aprendizado das crianças pequenas.

Cultura do Cuidado no contexto educacional

Ano após ano, a Cidade de São Paulo busca oferecer experiências no contexto educacional, aos bebês e às crianças, que sejam integrais e de qualidade. Com o Currículo Integrador da Infância Paulistana (2015) e Currículo da Cidade, lançado em

Considerando a linguagem de relação com o mundo dos bebês — o bebê é corpo, sensações e emoções — toda ação de cuidado é em sua essência uma ação educativa. Assim, o ato de cuidar transcende as ações relacionadas à higiene, à alimentação, à saúde, e está presente na brincadeira e nas investigações realizadas com as crianças.

Currículo da Cidade: Educação Infantil, 2022, p. 84



2019, entendemos que a infância é um período fundante da formação humana, caracterizado por um potencial imenso de desenvolvimentos e aprendizagens.

Dentro desse panorama, a interação e a ludicidade são pilares da abordagem adotada pela RME-SP, destacando os encontros e as relações com o outro (pessoa ou objeto) como pontes essenciais de expressão, investigação e construção do conhecimento. Desta forma, bebês e crianças vão se constituindo como sujeitos sócio-histórico-culturais. As(os) educadoras(es) demonstram a importância de uma escuta sensível e responsável às necessidades, interesses e potencialidades únicas de



cada bebê e criança, promovendo o protagonismo nas salas de referência e os reconhecendo como indivíduos que são capazes de contribuir para o território. Nesse sentido, as vivências e interações dos bebês e das crianças com a comunidade se ampliam, onde os muros da Unidade, simbolicamente, deixam de existir. O território está na Unidade e a Unidade está no território, todos com um propósito: cuidar de maneira responsável e integral dos bebês e das crianças da comunidade.

A especialista em primeira infância María Emilia López (2018, p.23-24) afirma que “quando falamos de cultura da infância não nos referimos apenas à arte, ao brincar, às expressões criativas. A criação, em suas

distintas modalidades e os vínculos entre crianças e adultos constituem um pano de fundo cultural de alta densidade na vida dos pequenos e das famílias [...]”. Desta forma, fomentamos a Cultura do Cuidado na Infância, uma concepção holística do desenvolvimento infantil em Sociedade, no qual o bem-estar emocional, físico e cognitivo de bebês e crianças é compreendido como interdependente e inseparável, garantindo experiências de qualidade na infância.

O termo “cuidado” tem sua origem no latim *cogitatus* e traz a ideia de pensar, considerar ou ponderar. A etimologia do termo nos ensina que cuidar é uma ação do pensamento relacionada à percepção de um outro. Por exemplo, quando dizemos “tome cuidado”, queremos dizer “esteja atento”; quando dizemos “cuidarei”, queremos dizer “estarei atento a”. Na Educação Infantil, o cuidado se caracteriza por englobar o bem-estar emocional, físico e cognitivo de bebês e crianças, também cuidando das relações no aspecto sócio-cultural. Ou seja, educadoras(es) estarão atentas(os) aos bebês e crianças em sua integridade e continuamente.

Nesse sentido, cuidar implica uma atitude ativa e consciente, de estar presente, de escutar e de responder de maneira empática e sensível às necessidades individuais de cada bebê e criança. Também, envolve a criação de ambientes seguros, acolhedores e favorecedores, onde os bebês e as crianças possam explorar, brincar e aprender de forma livre e segura.

O cuidado, assim compreendido, demanda o conhecimento do desenvolvimento infantil, bem como um compromisso com a promoção de experiências educativas significativas nas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica, que respeitem e valorizem a singularidade de cada bebê e criança. Além disso, o cuidado na



Educação Infantil inclui a colaboração e o diálogo contínuo com familiares/responsáveis e comunidade, reconhecendo que o bem-estar e o desenvolvimento de bebês e crianças são influenciados por uma rede mais ampla de relações e contextos sociais. Assim, a prática da cultura do cuidado — numa perspectiva da Educação Integral que considera os bebês e as crianças na centralidade dos processos educativos — envolve não apenas a Unidade Educacional como também todo território enquanto espaço educativo, sendo papel da instituição a ponte entre essas relações: famílias/responsáveis, comércio local, posto de saúde, bibliotecas e outros equipamentos públicos.

Portanto, o cuidado é uma prática intencional e reflexiva que busca atender integralmente às necessidades dos bebês e das crianças, promovendo seu desenvolvimento pleno e sua felicidade, e reafirmando o compromisso com a construção de uma sociedade que valoriza e protege as Infâncias. Nesse sentido, vale enfatizar a Lei nº 10.639/2003,

que altera a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/1996 e inclui no currículo oficial a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e a Lei 11.645/08, que inclui o estudo da História e da cultura indígena, em todos os componentes curriculares e níveis de escolarização e, consequentemente, as práticas antirracistas das UEs, que há 20 anos têm, de maneira enfática, combatido o racismo estrutural na Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo, e garantindo que bebês e crianças negras, migrantes e indígenas tenham experiências livres de racismo nas UEs.

Mas por que uma Cultura do Cuidado na infância?

Como vimos, a palavra “cultura” deriva do latim, que inicialmente estava ligada ao cultivo da terra e ao cuidado com o rebanho, trazendo uma noção de “cultivo” ou “criação”. Com o passar do tempo, o termo adquiriu outro significado, sem perder a sua essência. Na contemporaneidade, a Cultura abrange o desenvolvimento estético do ser humano e da humanidade, englobando as práticas, crenças, normas e realizações artísticas e intelectuais de uma comunidade ou sociedade. No contexto da Educação Infantil, a *Cultura do Cuidado* assume um significado amplo, que transcende os limites tanto da criação material quanto de ações de higiene e segurança, para indicar os modos pelos quais uma comunidade cuida, educa e compartilha concepções éticas, estéticas e políticas com os seus bebês e às suas crianças.

A cultura do cuidado é dinâmica e se manifesta tanto nas rotinas diárias das Unidades Educacionais como nas interações entre bebês,

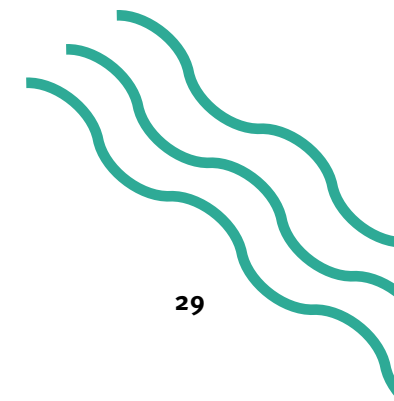
crianças, educadoras(es), familiares/responsáveis e a comunidade, pressupondo uma atitude ética, estética, educadora, respeitosa, responsável e profissional por parte das pessoas adultas atuantes na Rede de Ensino, enfatizando uma abordagem comprometida e ativa na Educação Infantil que tem como finalidade “formar cidadãos éticos, responsáveis e solidários que fortaleçam uma sociedade mais inclusiva, democrática, próspera e sustentável” (São Paulo, 2019, p. 42).

Neste cenário, cultura do cuidado se refere ao conjunto de práticas educativas, valores, tradições e conhecimentos que são compartilhados e ensinados aos bebês e crianças, possibilitando contornos às suas próprias percepções (dos bebês e das crianças), comportamentos e interações com o mundo ao seu redor. Ou seja, bebês e crianças vivenciam as experiências e têm a possibilidade e direito de tecer as suas próprias impressões.

Dessa forma, a Cultura do Cuidado no contexto educacional infantil da RMESP, é experienciada como um tecido vivo de relações, vivências, saberes e práticas que são continuamente recriados e transformados pelas interações entre bebês, crianças, educadoras(es) e o meio em que vivem. Trata-se de um processo ativo de construção coletiva (incentivado e vivenciado por Diretoras(es), Coordenadoras(es) e Educadoras(es) que contribui



Você já pensou que alguns bebês e crianças podem preferir um tom de voz mais alto e outros uma voz sorridente? Ou ainda outros podem apreciar pausas mais longas entre uma palavra e outra? Para cada bebê e criança saber mais sobre si mesmo, precisamos oferecer experiências que os proporcionem acessar seu próprio conhecimento, de maneira que não haja julgamento dos adultos sobre as suas práticas durante o processo. Sabendo mais sobre si mesma e para si mesmo, também se sabe mais sobre a outra pessoa.





para a formação de identidades individuais e coletivas e para a promoção de uma sociedade mais inclusiva, empática e consciente do seu papel na formação das próximas gerações.



RELATO DE EXPERIÊNCIA DO BERNARDO — MARIA DORMIDEIRA

Por Claudia Aparecida Cesar Rezende

(Experiência vivenciada nos agrupamentos Berçário II A/B do CEI Casa Verde — Walter Abrahão, DRE Freguesia-Brasilândia, 2021)

“Num fim gostoso de uma tarde em que Maria Dormideira já havia trazido festa e espanto para o olhar dos pequenos, estávamos em roda, conversando e cantando com as crianças no ritual da saída.

Atraído pela familiaridade das rodas musicais de despedida, o pai do Bernardo se aproximou e nos cumprimentou com o sorriso habitual. Ao se abaixar para acarinhar seu pequeno, ao inclinar o rosto, viu sobre a mesa a muda da plantinha conhecida como Maria Dormideira... Instantaneamente, o pai rejuvenesceu! Alargou seu sorriso e com os olhos brilhando disse:

“Puxa, lá na roça onde eu cresci, a gente brincava com essa plantinha”

Com curiosidade genuína eu, professora do Bernardo, perguntei: Como é a brincadeira?

Com o Bernardo já nos braços, respondeu: “É só uma cantigazinha assim”:

“Dorme, dorme dormideira pra acordar segunda-feira, dorme Maria.

Dorme, dorme dormideira pra acordar segunda-feira, dorme João”.

Passou o dedo indicador pelas folhinhas que, suavemente, como minúsculos pés de bailarinas, retraíram-se, debruçando uma sobre as outras para iniciarem o seu repouso.

O Bernardo, aninhado no colo do pai e já conhecendo a brincadeira, se encantou novamente, assim como as outras crianças.”

O gesto de tocar uma folha aproximou as infâncias e trouxe para aquele momento o sentimento de pertencimento, acolhimento e integração. Educadoras e Educadores, bebês e familiares/responsáveis estavam vivenciando a mesma experiência, uma experiência poética compartilhada entre gerações.

Matriz de Saberes

A Matriz de Saberes é um esquema estruturado, parte integrante do Currículo da Cidade, que delineia as experiências e objetivos de aprendizagem para a Educação Infantil. Na Matriz de Saberes, as experiências são apresentadas de forma que abrangem diversas áreas do conhecimento, indo desde habilidades linguísticas e matemáticas até expressões artísticas e físicas, refletindo a compreensão de que o desenvolvimento infan-



til é multifacetado e interdisciplinar. A finalidade desses saberes vai além da mera aquisição de conhecimento; visa o desenvolvimento integral dos bebês e das crianças, a promoção de sua capacidade de pensar criticamente, de resolver problemas, de interagir socialmente e expressar-se de diversas formas. Também, a Cultura do Cuidado incide sobre as posturas adotadas pelas(os) educadoras(es) no cotidiano das UEs, enfatizando a importância de criar um ambiente acolhedor e seguro, onde os bebês e as crianças se sintam valorizados, respeitados e encorajados a explorar e a conhecer o mundo que os cerca. Implica em uma atenção individualizada para as necessidades de cada bebê e cada criança, reconhecendo suas particularidades e ritmos de desenvolvimento.

Isso significa que as(os) educadoras(es) não são apenas propulsores(es) de conhecimentos, mas também cuidadoras(es) e orientado-

Conheça o acervo literário disponível para as UEs:

› [PROJETOS SAEL 2023.pdf](#)

› [Livros de Formação de Professores.pdf](#)



ras(es) do desenvolvimento integral dos bebês e das crianças. Na prática, isso se traduz em uma Unidade Educacional onde o aprendizado acontece de maneira lúdica e interativa, com atividades que engajam bebês e crianças nos processos de investigação e descoberta (não apenas nas salas de referência, mas em todos os espaços da Unidade). As(os) educadoras(es) atuam com intencionalidade para planejar contextos que possibilitem diferentes configurações e incluam a participação de bebês e crianças.

Em resumo, a Matriz de Saberes, quando implementada por meio da Cultura do Cuidado, representa uma abordagem educacional enraizada na compreensão e respeito pelas necessidades, interesses e potencialidades dos bebês e das crianças, também do território. É uma atitude que reconhece que a educação de qualidade na primeira infância é fundamental para o desenvolvimento de indivíduos saudáveis, criativos e socialmente engajados, e que tal educação requer não apenas um projeto político-pedagógico bem estruturado, mas também educadoras(es) comprometidos e sensíveis às nuances das Infâncias.

Cultura Infantil e Compartilhamento de Práticas Culturais

A primeira infância é um período definidor no desenvolvimento humano, marcado pelo crescimento estético, emocional, social e cognitivo. María Emilia López, em *Um Mundo Aberto: Cultura e Primeira Infância* (2018), destaca a importância da integração cultural nesta fase tão crucial, e Michèle Petit, em *Ler o Mundo* (2019), complementa essa visão enfatizando o papel singular da literatura como imersão na cultura.



María Emilia López propõe que a exposição à cultura nas suas diversas formas: artes visuais, música, literatura e dança, propicia aos bebês e às crianças uma bela tapeçaria de experiências, essenciais para seu desenvolvimento holístico. Paralelamente, Michèle Petit ressalta a leitura (e, no caso da primeira infância — também ouvir histórias) como um meio potente que não apenas conecta gerações e fortalece laços comunitários, mas também permite compartilhar e preservar valores, tradições e memórias. Assim, a literatura não se limita a ser uma atividade de interpretação textual individual, mas emerge como um processo humanizador, capaz de compartilhar emoções, sensibilidades e uma ampla gama de perspectivas de vida,

Pois é exatamente disso que se trata a transmissão cultural, e, mais particularmente, a leitura: construir um mundo habitável, humano, poder encontrar ali o seu lugar e locomover-se; celebrar a vida no cotidiano, oferecer as coisas poeticamente; inspirar as narrativas que cada pessoa fará da sua própria vida. (Petit, 2019. p. 23)

A interação cultural na primeira infância, segundo María Emilia López, é um meio pelo qual os bebês e as crianças aprendem a expressar suas emoções e experiências, ao mesmo tempo que ganham *insights* sobre a vida de outras pessoas, possibilitando empatia e uma compreensão mais profunda das diversas realidades humanas. Michèle Petit acrescenta que as histórias funcionam como pontes entre o pessoal e o universal, permitindo que bebês e crianças vejam suas próprias experiências refletidas nas dos outros, se abram para novas visões de mundo e preservem um espaço lúdico ao longo da sua vida. Em suas palavras:

O que está em jogo é forjar uma atenção, uma arte de viver no cotidiano para escapar à obsessão da avaliação quantitativa. É conseguir compor e preservar todo um outro espaço para celebrar a brincadeira, as partilhas poéticas, a curiosidade, o pensamento, a exploração de si e daquilo que nos rodeia. É manter viva uma porção de liberdade, de sonho, de inesperado. (Petit, 2019. p.13).

A literatura, portanto, ocupa um lugar de destaque no compartilhar da Cultura na primeira infância. Evelio Cabrejo-Parra (2020) diz que o psiquismo do bebê se estrutura em ressonância com as práticas culturais que ele recebe, à medida que ele (bebê) entra em contato com a língua.

As línguas orais e de sinais criam uma memória geracional individual e social que não se separa da Cultura. Corroborando a afirmação, Michèle Petit afirma que “a leitura de um livro pode reavivar a interioridade, impulsionar o pensamento, relançar uma atividade de construção de sentido, suscitar trocas” (2019, p.11), sublinhando como a narrativa e a linguagem são fundamentais na constituição do ser. Ao apresentar o mundo a um bebê ou a uma criança por meio da Literatura, não só nutrimos a imaginação e fortalecemos as relações sociais, mas também preservamos o desejo pela vida, oferecendo um espaço para a celebração da brincadeira, da curiosidade e da investigação do eu e do entorno.

A palavra “poesia”, quando associada aos bebês e crianças, carrega em seu interior o ritmo e o gesto da infância. Ao ler com bebês e crianças, partilhamos substâncias fundantes do seu psiquismo, também cria-se certa estabilidade e rotina. A publicação *A pequena história dos bebês e dos livros* nos lembra que os livros podem se tornar objetos preferidos de bebês e crianças, acalmando e proporcionando segurança (2009, p. 25), isso porque a poética contida na literatura é também sensorial assim como bebês e crianças.

Dessa maneira, a literatura é essencial para o desenvolvimento na primeira infância. As experiências literárias criam um ambiente frutífero que não apenas apoia o crescimento estético, emocional e cognitivo dos bebês e das crianças, mas também as encoraja para participar em sociedade. Somos seres de linguagem, e a literatura é linguagem. Isso quer dizer que, ao nos comunicarmos, carregamos nesse gesto a nossa história individual e da humanidade.

O compartilhar da Literatura, vai além do ato de ler e ouvir histórias, envolvendo a partilha de experiências e conhecimentos que promovem



EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA



POVOS MIGRANTES



POVOS INDÍGENAS



um diálogo intergeracional e intercultural e humano. Nesse sentido, as *Orientações Pedagógicas Povos Migrantes, Povos Indígenas, Povos Afro-brasileiros* encontram seu lugar de destaque na Literatura, assim como na promoção de uma Educação Antirracista. Ao valorizar a diversidade cultural e literária, não estamos apenas ampliando as experiências na infância, mas também construindo pontes no espaço e tempo, que influenciam diretamente na promoção da cidadania.

Alimentos simbólicos e Literatura

Bebês quando nascem, leem o mundo ao seu redor pelos sentidos: sons, cheiros, rostos, movimentos, toques, etc. Muito rapidamente, também pelos sentidos, passam a se comunicar respondendo a situações do entorno: se sentem calor, ou fome, ou qualquer outro desconforto, se agitam e/ou choram de determinada forma para cada sensação. Se estão tranquilos ou curiosos exploram o próprio corpo e os objetos

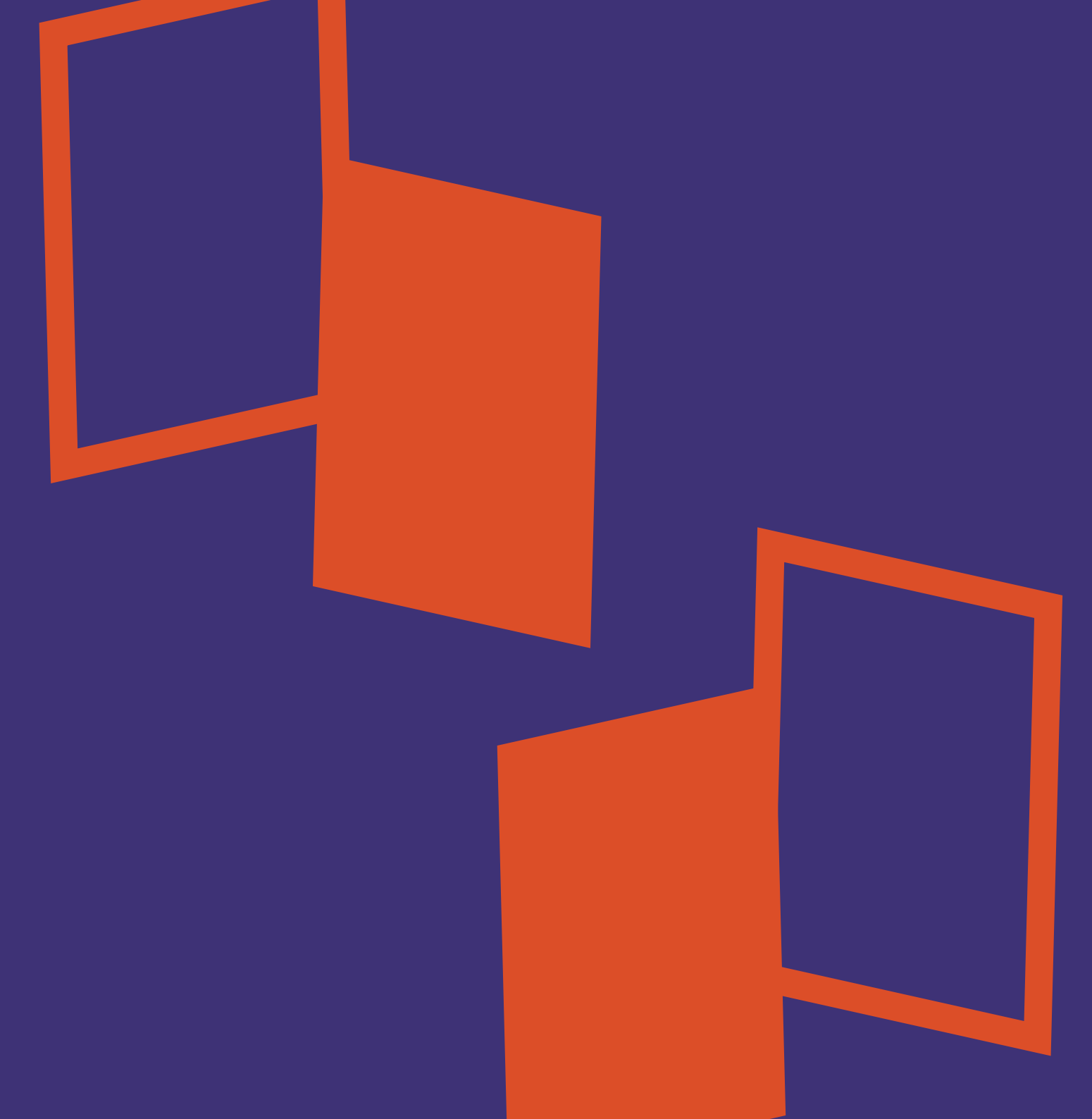
que estão por perto. Na inter-relação com a pessoa adulta de referência, elas/eles rapidamente aprendem a melhor maneira de se comunicar para determinada situação. Nesse jogo de ação e reação, os bebês aprendem mais sobre a vida e sobre a pessoa adulta de referência. Esta (a pessoa de referência), por sua vez, aprende mais sobre aquele bebê e sobre ela mesma. Esses momentos de interação são fundamentais, pois apresentam ao bebê a linguagem humana e o universo simbólico. Quando o bebê está com calor e eu nomeio: você está com calor, esse desconforto passa a ter nome e, tendo nome, se torna menos assustador. O mesmo acontece com a fome, a sede, o sono etc. Assim, bebês e crianças começam a saber mais sobre elas mesmas: aquilo que estou sentindo tem um nome! Este é um processo crucial no desenvolvimento emocional, cognitivo e fisiológico de bebês e crianças pequenas e deve ser cuidado. Este processo, do corpo ao pensamento, é a base para imaginação e criatividade.

A leitura com bebês e crianças pequenas possibilita a experiência com a palavra e oportuniza a ampliação de sua linguagem, permitindo que se expanda o conhecimento sobre si mesmo e sobre o outro. Ao ler com bebês e crianças todos os dias, garantimos o diálogo sobre a vida, o cotidiano e a imaginação. Também, promovemos a equidade, garantindo o direito à palavra para todas e todos bebês e crianças.



Quantos nomes têm para nomearmos a mexerica em português? Existe alguma forma saborosa de dizer mexerica? Será que para quem não gosta desta fruta, a palavra tem o mesmo sentido? Desde quando se come mexerica em SP? Mexerica é da cor da laranja? Cada bebê e cada criança, assim como cada adulto, se relaciona com um vocabulário próprio que é ampliado à medida que se ouve e se conhece mais histórias.





2. Leitura Literária na Educação Infantil

Abordar a literatura na Educação Infantil implica numa reavaliação de conceitos, bem como na eliminação de discrepâncias terminológicas. Assim como a terminologia “Educação Infantil” é preferida em vez de “pré-escola”, pois reconhece que bebês e crianças têm direitos a uma educação da infância, não nos referimos aos bebês e crianças como “pré-leitores”, pois estes são leitores ativos. Desde o nascimento, bebês e crianças leem o mundo ao seu redor, interpretando rostos, gestos, sons e texturas, e posteriormente, imagens, palavras, números etc. Este processo de leitura do mundo continua ao longo da vida. Além disso, a literatura não se resume à decodificação de palavras.

Neste contexto, bebês e crianças são vistos como leitores que se engajam com o mundo através dos sentidos. Portanto, livros que incluem narrativas com ritmos, repetições e ilustrações (variando do simples ao complexo) são particularmente atraentes para eles. Além disso, poéticas orais que despertam emoções tanto nas/os educadoras(es) que as narram quanto nos bebês e crianças que as escutam são elementos essenciais da literatura infantil.

O universo literário infantil é amplo e diversificado, abrangendo desde poéticas orais até livros ilustrados e livros-imagem. Se no passado a literatura era vista como uma linguagem que acontecia a partir de um único padrão ou tema de escrita, hoje reconhecemos a pluralidade tanto das “Literaturas” quanto das “Infâncias”. Essa perspectiva destaca a importância da diversidade literária, permitindo que bebês e crianças experimentem e compreendam as diversas maneiras de perceber e interagir com o mundo.

Literaturas

Em meio às rápidas transformações culturais contemporâneas, podemos entender que a natureza da literatura é fluida e multifacetada. Leyla Perone-Moisés, em *Mutações da Literatura no Século XXI* (2016), argumenta que a tarefa de definir literatura se tornou ainda mais complexa devido às mudanças significativas nas últimas décadas, que remodelaram não apenas o conteúdo literário, mas também os meios de produção, distribuição e recepção. Este cenário implica repensar não apenas o que consideramos como literatura, mas também como propomos critérios de qualidade na análise literária.

Cada cultura manifesta a diversidade da experiência humana, com suas tradições únicas, histórias e expressões. Assim, sugere-se pensar em “literaturas” e não apenas uma literatura universal. Nesse contexto, o que escolhemos ler com bebês e crianças não são apenas livros, mas um legado de possibilidades de ver e interpretar o mundo.

Ao selecionar as narrativas que valorizamos, participamos ativamente na montagem de clássicos da literatura. Este ato de compartilhar o que

leremos é de grande responsabilidade, exigindo pesquisa, consciência e comprometimento com a diversidade. Assim, devemos sempre estar em busca de ampliação do nosso repertório.

Poéticas da Oralidade

Ler e contar histórias são práticas fundamentais na mediação literária durante a primeira infância. Essas atividades introduzem bebês e crianças a uma diversidade de linguagens e culturas, desde as primeiras cantigas de ninar até contos populares com personagens e aventuras. A tradição oral, com sua cadência e ritmo, é uma forma de estabelecer conexões emocionais e cognitivas, mesmo antes de o bebê compreender plenamente o significado das palavras, também garante ampliação do repertório linguístico, peça fundamental para a expansão do pensar.

A comunicação é inerente à condição humana, e a língua falada, juntamente com gestos e expressões, constitui um sistema complexo de expressão. Como Erika Parlato-Oliveira (2022) aponta, a linguagem não se limita à fala; é um tecido tramado em sinais e símbolos que permite a interação com o mundo e com o outro. Essa diversidade de expressão é evidente nas variações linguísticas encontradas em diferentes regiões e comunidades, potencializando a trama da comunicação humana.

O contato desde cedo e frequente a uma ampla gama de expressões linguísticas e culturais, por meio de histórias e canções alimenta o desenvolvimento do bebê e da criança em múltiplos aspectos. Histórias bem contadas abrem portas para novos mundos simbólicos, expandindo o conhecimento de bebês e crianças sobre a língua e, por

extensão, sobre si mesma e sobre o mundo ao seu redor. Evelio Cabrejo-Parra (2020) ressalta a capacidade da linguagem de criar espaços reflexivos, fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico e da imaginação.

Assim, contar histórias nas Unidades Educacionais favorece a experiência de bebês e crianças, proporcionando um senso de pertencimento e continuidade cultural. A escolha das histórias, a maneira como são narradas e a inclusão de recursos interpretativos, quando bem planejados, contribuem para uma experiência literária única.

Contar histórias e ler em voz alta textos de alta qualidade literária e poética facilita a apropriação da língua, alimenta a capacidade de pensar, dá asas à imaginação e prepara de forma prazerosa para a aprendizagem da leitura e da escrita... As crianças privadas dessas possibilidades não terão o mesmo futuro individual e social em comparação com aquelas que tiveram a sorte de receber um rico e variado patrimônio linguístico durante a primeira infância. A relação precoce com a língua oral permanece e será fonte de múltiplas possibilidades por toda a vida (Cabrejo-Parra, 2020, tradução própria).¹

¹ Contar historias y leer en voz alta textos de alta calidad literaria y poética facilita la apropiación de la lengua, alimenta la capacidad de pensar, da alas a la imaginación y prepara placenteramente el aprendizaje de la lectura y la escritura... Los niños privados de tales posibilidades no tendrán el mismo devenir individual y social respecto a aquellos que tuvieron la fortuna de recibir un rico y variado patrimonio lingüístico durante la primera infancia. La relación temprana con la lengua oral permanece y será fuente de múltiples posibilidades durante toda la vida. (Cabrejo-Parra, 2020, n.p.).



PROBLEMATIZANDO A PRÁTICA

Os recursos interpretativos, como caixas, fantoches, dedoches, instrumentos musicais e outros, fazem parte da realidade de muitas Unidades Educacionais, mas é necessário uma reflexão profunda sobre seus usos. Educadoras e Educadores comumente criam estratégias para entrar e sair da história, por exemplo, cantando uma música específica como se estivessem convidando bebês e crianças a adentrarem o mundo da imaginação ou tocando um instrumento musical. Por vezes, usam fantoches e dedoches para dar movimento às personagens, que, com o recurso da voz, se materializam. A utilização desses recursos deve sempre ser planejada com antecedência, ter intencionalidade docente clara, com o objetivo específico de estarem no universo literário e não do entretenimento.

PARA SABER MAIS

Diferença entre ler livros e contar histórias: Nesse vídeo, destacamos a importância da oralidade desde a antiguidade, promovendo interação e expressão criativa. Enfatizamos diferenças e características conceituais e práticas sobre ambas as práticas. Assista para compreender como elaborar intencionalmente os dois momentos.

▶ [DIEI_215_10_TALITA_DIFERENCA_ACESS_SRT.mp4](#)



Na leitura de um livro literário, outros recursos além da voz não são necessários, já que os livros literários têm a qualidade de encantar por si mesmos. Ou seja, os elementos da narrativa estão dispostos de tal maneira que na própria leitura somos (nós, bebês e crianças) convidados a, por exemplo, direcionar o olhar para determinada imagem ou indagar o motivo daquele personagem ter escolhido o caminho “a” e não “b”. É um direito de bebês e crianças lerem o que o autor ou autora propôs da forma que o texto foi escrito. Quando nos utilizamos de adereços durante a mediação da leitura, aumentam as chances de se reduzir as camadas interpretativas da obra e, conseqüentemente, torná-la utilitária.

É essencial narrar histórias diariamente com os bebês e as crianças, sem descaracterizá-las. Como exemplo, podemos citar os Contos de Fadas, repletos de metáforas e conhecidos por todos. Mas, atenção! Isso não quer dizer que todos os contos façam parte do literário. Por serem histórias de domínio público, há muitas publicações com versões que distorcem a história com o objetivo de torná-la mais branda, desrespeitando a capacidade leitora de bebês e crianças. Com frequência, encontramos histórias da Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Branca de Neve etc. em versões extremamente simplificadas, com textos empobrecidos e ilustrações descuidadas.

A princípio, como alerta Palo (2012), a ilustração acompanhava o texto verbal com finalidades didáticas e cognitivas do livro. Em muitos livros infantis, encontramos a ilustração com funções de redundância em relação ao texto verbal, dispensando uma unicidade em sua edição e

não criando um vínculo entre imagem e texto verbal, possibilitando diferentes ilustrações para diferentes edições.

Os contos de fadas publicados por diferentes editoras e autores enfrentam esta questão de fidelidade na relação entre palavra e imagem passando a alterar tanto a narrativa verbal quanto a ilustração, recriando a história de um livro com ilustrações, em uma instância de repetição palavra e imagem. (MUTAFI, 2021, p. 51)

O repertório e o planejamento de leitura das(os) educadoras(es) e a escolha do livro são fundamentais neste momento. Com tantas versões da mesma história, devemos pesquisar e nos basear naquelas mais próximas da versão disseminada pelos autores clássicos, com especial atenção à tradução.

Cultura da Oralidade

A oralidade é um dos principais valores civilizatórios afro-brasileiros. Contos, lendas, mitos, provérbios e canções passam pelas gerações, trazendo consigo os valores, a sabedoria e a história de um povo. A literatura oral de origem africana é diversa, com uma multiplicidade de línguas, etnias e culturas do seu continente, e desempenha um papel importante na passagem de conhecimentos ancestrais.

Da mesma forma, para os povos indígenas das Américas, a tradição da oralidade é uma expressão viva de sua cosmovisão e um instrumento vital para a conservação de seu patrimônio cultural. Histórias orais, mitos de criação, canções e rituais são meios pelos quais essas comunidades



articulam sua relação com o mundo. Essas práticas orais não apenas contam a história de seu povo e explicam a origem do universo e da vida, mas também orientam o comportamento individual e coletivo, ensinando o respeito pelos seres humanos, pela natureza e pelo sagrado.

Ao valorizar e proteger as tradições orais, contribuímos para a diversidade cultural do mundo e para o reconhecimento da profundidade e riqueza de conhecimentos ancestrais, também (re)construímos a própria identidade brasileira.

Para além de onde cada um de nós nasce — um sítio, uma aldeia, uma comunidade, uma cidade —, estamos todos instalados num organismo maior que é a Terra. Por isso dizemos que somos filhos da terra. Essa mãe constitui a primeira camada, o útero da experiência da consciência, que não é aplicada nem utilitária. Não se trata de um manual de vida, mas de uma relação indissociável com a origem, com a memória da criação do mundo e com as histórias mais reconfortantes que cada cultura é capaz de produzir — que são chamadas, em certa literatura, de mitos. As mitologias estão vivas. Seguem existindo sempre que uma comunidade insiste em habitar esse lugar poético de viver uma experiência de afetação da vida, a despeito das outras narrativas duras do mundo (Krenak, 2022, p. 103).

Literatura para as Infâncias

Literatura é arte!

A literatura para as infâncias transcende a função educativa e se firma como uma experiência com a arte. Ela convida bebês e crianças a um mergulho no universo simbólico, promovendo a compreensão,

a transformação e a humanização por meio de histórias que estimulam e expandem o pensar. As crianças, desde a mais tenra idade, devem ter a possibilidade de estar em contato com a palavra poética e a imagem, descobrindo as nuances da sua própria cultura e caminhando por territórios desconhecidos de outras tradições.

A literatura aponta as diferenças entre o tempo medido pelos relógios e o tempo ilimitado de uma história, ao compartilhar alegrias e desafios com as personagens, a revisitar suas histórias favoritas e, acima de tudo, ao brincar com a palavra.

A literatura para as infâncias desempenha um papel importante no desenvolvimento ético e estético de bebês e crianças, apresentando temas da complexidade humana em sua linguagem literária. María Emilia López, em sua obra *Um mundo aberto — Cultura na Primeira Infância* (2018, p.38), sublinha a potencialidade transformadora de políticas culturais bem estruturadas para bebês e crianças pequenas. Tais políticas devem levar em conta o desenvolvimento cultural, cognitivo, social e econômico de cada comunidade, valorizando a singularidade criativa de cada bebê e criança. Nesse contexto criativo, bebês e crianças, vivendo uma relação com a proposta do artista, estabelecem uma profunda conexão com o universo simbólico, tecendo uma teia de relações marcada pela criatividade e originalidade.

Assim, os livros destinados às infâncias evoluíram significativamente ao longo do tempo, refletindo as mudanças nas percepções sociais da infância. Houve a transição de histórias moralizantes para narrativas que valorizam a apreciação estética, ultrapassando as fronteiras do mero entretenimento ou utilitarismo, posicionando-se como um pilar fundamental na formação integral e cidadã dos bebês e das crianças.



Ao abrir portas para mundos imaginários, ela (a literatura) nutre a alma, aguça o intelecto e cultiva a sensibilidade, encorajando bebês e crianças não apenas para que compreendam melhor o mundo em que vivem, mas para que também o transformem. Nas páginas de um livro, bebês e crianças encontram pontes entre culturas, gerações e ideias, ampliando seu repertório leitor e de experiências.

É fundamental reconhecer que a literatura direcionada às infâncias não deve ser simplificada ou vista como desprovida de valor, María Teresa Andruetto, em *Por uma literatura sem adjetivos* (2012), enfatiza que a Literatura mantém sua essência independentemente do público-alvo, seja ele bebês, crianças, jovens ou adultos. Segundo ela, a qualidade estética da literatura deve ser julgada com base em critérios sólidos, aplicáveis a toda Literatura de um modo geral, assim a Literatura carregaria o “Infantil” por motivo de uma possível organização e não por uma diminuição de valor. Ou seja, um bom livro é um bom livro independente do objetivo proposto por livrarias e editoras.

Literatura Infantil Afrocentrada

Em um país como o Brasil, profundamente marcado pelo racismo estrutural e suas consequências, investir numa literatura afrocentrada que apresente personagens negros em diversas situações cotidianas e contextos é uma medida de extrema importância. Tais obras não apenas refletem a diversidade e a realidade da população brasileira, mas também desempenham um papel fundamental na desconstrução de estereótipos e na promoção da valorização da identidade e da cultura negra.

A representatividade negra deve estar presente e valorizada no cotidiano da Educação Infantil. No âmbito da literatura infantil é preciso que haja personagens protagonistas bebês, crianças, jovens e adultas negros, com temáticas amplas sobre as vivências culturais, afetivas e identitárias dos seus personagens, levando representatividade e empoderamento aos bebês e às crianças, para que possam conhecer mais sobre si mesmas e a cultura do país.

Ao selecionar obras com olhar plural e tornar essas narrativas acessíveis para os bebês e crianças, celebramos a diversidade étnico-racial e contribuimos para a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e respeitosa com todas as suas diferenças e origens.

Livro Ilustrado

O livro ilustrado representa uma forma única de arte narrativa, no qual texto, imagem e design trabalham juntos para contar uma história. Este livro (livro ilustrado) oferece uma gama de experiências estéticas e interpretativas. Pesquisadoras como Maria Nikolajeva e Sophie Van der Linden têm contribuído para a compreensão e leitura dos livros ilustrados, analisando as complexas interações entre palavra, imagem e design e como esses elementos se combinam para criar significados múltiplos.

PARA SABER MAIS

Literatura para as infâncias: além da leitura de livros com temas antirracistas.

Neste vídeo, a professora Ana Barbara explora o tema “Literatura para as Infâncias: Além da Leitura de Livros com Temas Antirracistas”. Ela discute como a literatura não só humaniza, mas também como é crucial escolher livros que representem diversas realidades e evitem reduzir os personagens a papéis unilaterais. Assista para entender a importância de uma seleção literária cuidadosa e inclusiva.

[DIEI_216_21_ACESS_SRT.mp4](#)





Maria Nikolajeva (2016) argumenta que a relação entre as palavras e as imagens em um livro ilustrado não é meramente complementar, mas sim uma interação sinérgica em que cada elemento pode alterar, amplificar ou até mesmo contradizer o outro. A importância desse entrelaçamento amplia a narrativa, pois as ilustrações não apenas decoram ou ilustram o texto, mas também desempenham um papel crucial, adicionando camadas de significado que não são explicitamente expressas pelas palavras.

Sophie Van der Linden, em sua obra *Para Ler o Livro Ilustrado* (2010), explora a interação entre texto-imagem-design, examinando as várias maneiras pelas quais os livros ilustrados podem ser “lidos”. Van der Linden propõe que a leitura de um livro ilustrado é uma atividade complexa que vai além da decodificação de texto e imagens; envolve a interpretação de como esses elementos se relacionam em múltiplos níveis — espacial, sequencial e simbólico. Dessa forma, a materialidade, tipografia e a disposição das ilustrações em um livro ilustrado não são escolhas estéticas arbitrárias, mas sim componentes essenciais da narrativa que contribuem para a construção do significado.

Os livros ilustrados são concebidos como uma unidade coesa em que texto, imagem e design estão intrinsecamente ligados, cada um influenciando a interpretação do outro. Esse entrelaçamento de modalidades narrativas convida a pessoa leitora a uma experiência de leitura específica, na qual a compreensão está não apenas do que é lido, mas também do que é visto e sentido. Morag Styles (2012), em *Livro infantil ilustrado*, se pergunta (e responde):



O que há de tão marcante nos livros ilustrados que provoca essas reações (expressões de desejo e encantamento) nas crianças? Elas percebem que se encaixam perfeitamente na vida de jovens leitores, estimulando uma disposição permanente pelo inesperado, que é sempre bem-vinda para qualquer nível de leitor (STYLES, 2012, p. 74).

Importante destacar os “livros-imagem”, que narram principalmente por meio de suas ilustrações, com texto mínimo ou sem texto nenhum. Esses livros convocam a pessoa leitora a experienciar a narrativa por meio da imagem, confiando na habilidade visual da pessoa leitora para

interpretar e extrair significados, sempre considerando a narrativa visual proposta pela autora ou autor do livro-imagem.

Lendo na primeira infância

Os bebês e crianças, mesmo antes de aprenderem a tecnologia do sistema alfabético, já são leitores do mundo. Paulo Freire (1989) já dizia que a leitura de mundo precede a “leitura da palavra”, se inicia desde os primeiros momentos da vida e se alimenta de todas as experiências sensoriais. Nesse contexto, é essencial que as instituições educacionais proporcionem e aprimorem essas vivências. Diante disso, surge a questão: como garantir tempo e espaço adequados para o livro, a leitura e a literatura no cotidiano educacional?

Na Educação Infantil, o tempo adquire a qualidade da experiência. A organização dos tempos, espaços e materialidades devem ser dedicados ao processo de subjetivação do bebê e da criança — relações nas quais se apropriam do conhecimento de si e do outro.

Bebês e crianças pequenas brincam para se conhecerem e, principalmente, para saberem: como é brincar, quais as brincadeiras que mais gostam, como se sentem quando se frustram, como são os bebês e as outras crianças pequenas brincando, como se estabelecem as regras etc. Essas inter-relações, mesmo que coletivas, serão processadas a partir de um tempo individual.

Tanto na sala de referência quanto ao ar livre, bebês e crianças pequenas são convidadas a estarem o mais próximo possível da natureza. Seja por meio da investigação de materiais de madeira ou a modelagem de

argilas, seja no colorir com tintas com pigmentação natural que oferecem cores e cheiros que propiciam a integração com um ambiente singelo.

Elementos naturais oferecem certo conforto emocional que se estabelece como um alicerce para a criatividade. Explorar blocos de madeira, por exemplo, dificilmente trará como resultado a mesma experiência que uma peça de plástico quebrada com pontas cortantes, ou seja, que inibem o brincar. Ou ainda, tintas naturais que podem ser levadas à boca sem preocupações para a(o) educadora(or). Nesse ponto, as relações estabelecidas entre educadoras(es) e os bebês e as crianças pequenas tendem para a confiança. A confiança na capacidade de bebês e crianças pequenas é um alicerce fundante no estabelecimento do vínculo, e o vínculo é fundamental para que bebês e crianças pequenas desenvolvam suas habilidades emocionais, cognitivas, sociais e fisiológicas.

Se bebês e crianças pequenas buscam estar interligados com a pessoa adulta de referência, é necessário que esta pessoa esteja disponível para este encontro. Nesses encontros, entre adultos e crianças, a literatura torna-se um elemento fundamental para a construção do simbólico, da imaginação e do vínculo afetivo. Por isso, é essencial considerar a importância da investigação dos livros como uma forma de brincar no cotidiano educacional.

Disponibilidade de escuta, observação e entendimento

Em *O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche*, Janet Gonzales-Mena e Dianne Widmeyer Eyer (2014, p.5-6) apresentam 10 princípios baseados na filosofia do respeito:



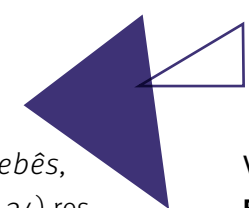
1. Envolve bebês e crianças nas coisas que dizem respeito a eles. Não os despiste ou distraia para cumprir tarefas mais rapidamente.
2. Invista no tempo de qualidade, aquele em que você fica totalmente disponível para um bebê ou para uma criança específica.
3. Aprenda formas únicas por meio das quais as crianças se comunicam (choros, palavras, movimentos, gestos, expressões faciais, posição do corpo) e ensine as suas. Não subestime a capacidade da criança de se comunicar, mesmo que suas habilidades linguísticas sejam mínimas ou inexistentes.
4. Invista tempo e energia para construir uma pessoa completa (concentre-se na criança como um todo). Não foque apenas no desenvolvimento cognitivo ou olhe para isso como separado do desenvolvimento completo.
5. Respeite bebês e crianças como pessoas valiosas. Não os trate como objetos ou pequenas pessoas fofinhas e sem cérebro que podem ser manipuladas.

6. Seja honesto em relação aos seus próprios sentimentos por bebês e crianças.
7. Seja o modelo do comportamento que você quer ensinar. Não pregue.
8. Encare os problemas como oportunidades de aprendizado e deixe que os bebês e as crianças resolvam eles mesmos. Não tente salvá-los de todos os problemas, não os facilite o tempo todo nem tente proteger as crianças deles.
9. Construa segurança ensinando confiança. Não ensine desconfiança, mostrando-se como alguém muito inconsistente ou de quem não se pode depender.
10. Não apresse bebês e crianças para que atinjam metas do desenvolvimento.

Estes 10 princípios são orientadores das relações estabelecidas com bebês e crianças e, nas práticas de leitura, não será diferente. Para que bebês e crianças pequenas possam existir como sujeitos, é primordial que elas sejam conhecidas e reconhecidas. Sendo assim, é importante sinalizar que, além de se conhecer sob a ótica da infância, este conhecimento perpassa a individualidade. Nesta perspectiva, cada bebê e cada criança pequena importa e tem o direito à imaginação, interpretação e ao pensamento autônomo.

A Literatura endereçada à primeira infância é o brincar com a palavra e a imagem. Quando uma criança pequena brinca de cozinhar, ela é uma cozinheira. Quando o bebê ou a criança lê/ouve que a personagem está cozinhando, ela pode ser a cozinheira-personagem na imaginação.

A construção do mundo simbólico é a base do pensamento humano. Portanto, ler livros literários com bebês e crianças pequenas é nutri-las de humanidade, nesse ponto, a capacidade de criar, contar, ouvir e ler histórias é exclusiva das pessoas humanas, também a capacidade de interpretar e refletir.

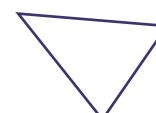


Bernard Golse (2020), em *Bebês, maestros, uma dança das mãos*, (p. 24) resalta a importância dos encontros literários entre adultos e bebês na construção das histórias pessoais de bebês e crianças. Ele argumenta que esses momentos não apenas contribuem para a história da criança, mas também a habilitam a tornar-se agentes de sua própria existência. Segundo Golse, não basta apenas narrar histórias aos bebês; é fundamental que eles aprendam a narrar e reinterpretar suas próprias experiências, desenvolvendo a capacidade de saberem de si sob a sua perspectiva.

A observação cuidadosa dos bebês e das crianças, bem como a escuta e as trocas de ideias que a leitura de um livro podem propiciar, são fundamentais para os momentos de leitura.

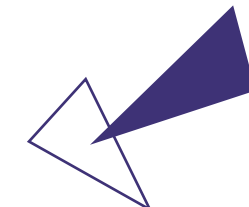
Lendo com bebês e crianças de 0 a 3 anos

Sabe-se que o ritmo é um elemento primordial na primeiríssima infância. O ritmo confere previsibilidade e confiança para bebês, crianças bem pequenas e educadoras(es). Ritmo é o tempo cadenciado e não fatiado. Dentro do período de permanência no ambiente coletivo da Unidade Educacional, cada agrupamento estabelecerá seu ritmo e, dentro de cada sala de referência, cada pequeno grupo estabelecerá seu ritmo e, dentro de cada pequeno grupo, cada bebê e criança estabelecerá seu próprio ritmo. Como uma grande orquestra, cada um com suas habilidades e desafios.



VOCÊ JÁ PENSOU NISSO?

Bebês e crianças têm a habilidade de ler a postura corporal das pessoas ao seu redor. Quais são as minhas expressões, gestos e movimentos quando estou com medo? Quais são as minhas expressões, gestos e movimentos quando eu não confio que aquela bebê irá conseguir ultrapassar um obstáculo físico no parque? Quais são as minhas expressões, gestos e movimentos quando leio para uma criança pequena uma palavra não usual?





A leitura literária é um compartilhar de tempo, um tempo muito especial: o tempo daquela história. Cada autor decide a cadência da história (tanto no texto quanto nas ilustrações).

Bernard Golse e Valérie Desjardins (2005) chamam a atenção para a música da linguagem e afirmam que o bebê experimenta as palavras primeiro pelo seu som e ritmo. Assim, histórias com repetição e acumulação estão entre as preferidas dos bebês e das crianças pequenas. Estas histórias têm ritmo e certa previsibilidade, o que garante a autonomia leitora. Livros com narrativas breves e prazerosas são bem-vindos, também aqueles que trazem algum elemento do cotidiano dos bebês e das crianças.

Bebês e crianças pequenas leem com o corpo e, muitas vezes, com esse corpo em movimento. Estes são leitores ativos em plena construção dos processos de simbolização e interpretação.

É comum que, durante a leitura, bebês de colo movimentem pés e mãos, mexam os troncos ou virem o olhar ao ouvirem histórias. Ou bebês engatinhantes busquem objetos e interrompam a leitura chamando a atenção para uma outra situação. Ou ainda, crianças pequenas andam de um lado para o outro causando, muitas vezes, a impressão de que estão desinteressadas.

É pela experiência também do movimentar-se que se apreendem as experiências na primeira infância. O movimento autônomo é o primeiro gesto de subjetivação. Pelo movimento, os bebês se comunicam e promovem relações consigo mesmos e com o seu entorno. Nesse sentido, ouvir e ler histórias sentadas e em silêncio absoluto não pode ser uma expectativa. Bebês e crianças escolhem um livro, manuseiam, descobrem este objeto e compartilham. As práticas de leitura literária na primeira infância vão além do abrir e fechar um livro (ou ouvir uma história): está em explorar formas, gestos e imagens, em saborear e vocalizar sons e palavras, em partilhar olhares, surpresas e sentimentos genuinamente.

Muitas vezes, educadoras(es) utilizam-se de artifícios do teatro para contar histórias com o objetivo de prender a atenção de bebês e crianças, e, sem perceber, descaracterizam a narrativa. Diferente da Contação de histórias em que artefatos de sons, elementos teatrais, caracterizações físicas de personagens estão presentes e configuram outro tipo de abordagem, aqui estamos enfatizando o caráter subjetivo que a leitura literária tem e que, portanto, se basta única e exclusivamente pela sua materialidade estética, textual e gráfica.

Ao ler com bebês e crianças pequenas ou contar histórias, os pequenos grupos são mais propícios à experiência com a Literatura. A leitura é um momento de vinculação e, de maneira mais exclusiva, potencializa esta experiência. Os bebês e crianças pequenas precisam, portanto, ter contato com o objeto livro e com as experiências advindas desse encontro.

Lembramos também que, ao convidarmos bebês e crianças para uma prática de leitura literária compartilhada, talvez alguns não queiram participar, e tudo bem. Esse momento, assim como outros, não é uma obrigação, muito pelo contrário, é um convite à experiência. Nesse sentido, a mediação da pessoa adulta é fundamental para tornar essa experiência convidativa e instigante.

Na sala de referência, assim como os bebês e as crianças têm acesso a uma variedade de espaços e materialidades, como uma mesa de luz, por exemplo, é essencial que o espaço de leitura também esteja presente. Não há necessidade de muitos livros, mas a intencionalidade das(os) educadoras(es) deve estar sempre presente. Melo (2023) refere que a intencionalidade implica um tempo para planejamento, seleção das obras literárias, tempo de reflexão acerca dos livros de literatura que serão lidos com as crianças, tempo para organizar os espaços e tempo para ampliar seu próprio repertório literário.

O momento da leitura deve fazer parte do cotidiano e deve ser diário com bebês e crianças. As

práticas de leitura literária de um livro por dia pode ser suficiente, mas o acesso aos livros deve ser constante.

Bebês e crianças pequenas têm o direito de ler e tocar as páginas dos livros, as capas, as ilustrações. Durante essa leitura, talvez o livro possa ser amassado ou rasgado. Essa ação faz parte do conhecimento sobre o objeto livro e, nesses momentos, pode-se conversar com o bebê e a criança sobre como se lê sem rasgar ou amassar. Esse processo de aprendizagem ocorre na prática diária, é apenas no contato cotidiano com os livros que o cuidado será cultivado.

A prática de leitura literária compartilhada de forma individualizada ou em pequenos grupos pode ser realizada não apenas na sala de referência como também em outros espaços da Unidade Educacional, após o almoço no refeitório, no parque, nas salas multiuso, etc. Para leitura do livro, a voz da educadora e do educador é o suficiente. Como dito anteriormente, fantoches e outros objetos caracterizam outras experiências, para a experiência leitora não utilizamos outro objeto além do livro, e fazemos a leitura integral do texto como a(o) autora(or) criou, não alteramos palavras ou omitimos para deixar a narrativa mais breve ou menos complexa. Bebês e crianças aprendem pelo contexto e as novas palavras poderão ser compreendidas com todo o sentido da narrativa não de forma isolada.

Lendo com crianças de 4 e 5 anos

Ler com as crianças, confere a(o) educadora(or) um papel de mediadora(or) desta prática. A mediação de leitura não deve ser encarada como uma simples atividade, mas sim como uma experiência significativa



PARA SABER MAIS

Espaços de Leitura nas unidades de Educação infantil

O vídeo destaca a necessidade de oferecer espaços de leitura acolhedores para bebês e crianças pequenas, com uma seleção diversificada de livros para estimular a imaginação. A leitura deve acontecer tanto em locais fixos quanto em áreas externas, proporcionando diferentes experiências. É importante permitir que as crianças tenham autonomia para explorar os livros.

[DIEI_215_1_CÁSSIA BITTENS_ESPAÇOS_ACESS_SRT.mp4](#)

ATENÇÃO

A RME-SP tem um acervo de livros múltiplo, diverso que é atualizado periodicamente. É imprescindível que este acervo esteja ao acesso de todas e todos: bebês, crianças, educadoras(es) e comunidade escolar.

para educadoras(es) e crianças. Essa experiência de mediação é uma proposta aberta, sem expectativas definidas. O objetivo é permitir que algo novo e surpreendente aconteça durante o processo, muitas vezes ultrapassando até mesmo a narrativa do livro em si. Essa é a verdadeira essência da mediação de leitura, conforme destacado por Jorge Larrosa (2022) “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”.

Nesse contexto, portanto, a educadora e o educador não estão focados na realização de uma atividade específica, mas sim em criar e facilitar uma experiência enriquecedora. É um trabalho que se caracteriza não pela ação, mas sim pela receptividade, pela disponibilidade, pela abertura e pela atenção.

Crianças de quatro e cinco anos, em sua maioria, andam, falam e estão com a imaginação “trabalhando” intensamente. A maneira de se relacionar com a experiência da leitura é com mais atenção no ouvir e ver, e o tempo da leitura se expande. Apesar da prática de leitura literária não ser uma atividade, a preparação e a intencionalidade devem estar presentes e ser muito bem planejadas, assim como a escolha do local da leitura. Na Educação Infantil, o tempo da leitura deve ser constantemente avaliado. As conversas em torno das narrativas devem estar presentes e serem encorajadas. Perguntas abertas, aquelas que solicitam respostas que requerem a reflexão, são importantes para se estabelecer um diálogo e a co-construção de sentidos. As boas perguntas pressupõem múltiplas respostas, não reduzindo ao “sim ou não, isto ou aquilo”. Por exemplo, trocar a pergunta de “tal personagem estava em casa ou na padaria” para “como será que foi o caminho entre a casa e a padaria?”



Assim, tão importante quanto a leitura, a escuta da(o) educadora(or) é uma peça-chave nesse momento, que, junto com a observação, trará mais conhecimento sobre cada criança. Nesse momento, os gostos particulares passam a se evidenciar e as propostas de leitura podem ser mais assertivas.

Leitura, ora em pequenos grupos, ora em grupos maiores, pode ser uma boa estratégia. Propiciar a leitura entre as crianças é partilhar Literatura de maneira autônoma. Crianças têm o direito de se expressar sobre si mesmas e sobre suas visões de mundo, a partir de suas experiências leitoras.

Indicadores de qualidade da Educação Infantil Paulistana

Os [Indicadores da Qualidade na Educação Infantil Paulistana](#) visam auxiliar as UEs e as comunidades a realizar uma autoavaliação institucional que leve a um diagnóstico coletivo sobre a qualidade da educação ofertada. Esses indicadores são divididos em nove dimensões, incluindo planejamento e gestão educacional, participação e escuta de bebês e crianças, multiplicidade de experiências e linguagens, interações, relações étnico-raciais e de gênero, ambientes educativos, promoção da saúde e bem-estar, formação das educadoras e educadores e rede de proteção sociocultural. Essa abordagem tem o objetivo de promover a melhoria contínua da Educação Infantil, envolvendo toda a comunidade educacional no processo.

Destacamos que mesmo que alguns indicadores não estejam diretamente relacionados à Literatura, todos indicadores de qualidade podem

ser compreendidos dentro das possibilidades e importância de avaliar o lugar da leitura literária. Por exemplo, em:

3.1.3 As educadoras e os educadores incentivam os bebês e as crianças a escolherem brincadeiras, brinquedos e materiais, diariamente? Podemos acrescentar a leitura diária; ou 4.4.2 A Unidade Educacional planeja e organiza espaços comunicativos proporcionando interação com as famílias/responsáveis e a comunidade? Podemos acrescentar a leitura, empréstimo de livros ou contação de histórias com a comunidade.

Afirmamos que a Literatura possui um papel humanizador e, para que esse potencial seja plenamente alcançado, é essencial integrar a prática da leitura tanto no cotidiano educacional, quanto no território em que a UE está inserida.

A dimensão 6, intitulada *Ambientes Educativos: Tempos, espaços e materiais*, discute a importância da organização dos ambientes, tempos e materiais nas Unidades Educacionais, refletindo concepções de educação e cuidado. Nesse sentido, o Indicador 6 propõe que olhemos para os espaços considerando que não são neutros; eles possuem dimensões simbólicas que influenciam o desenvolvimento de habilidades e sensações das crianças. As múltiplas oportunidades que os espaços oferecem aos bebês e crianças põem em ação as suas potencialidades inventivas em relação com os materiais ofertados que devem ser escolhidos intencionalmente e visando a presença de diferentes possibilidades de experiências e aprendizagens.



O tópico 6.1.11 diz o seguinte:

Os ambientes são organizados com diversidade de livros e outros materiais sensoriais de leitura que possuam riqueza de tamanhos, cores, formas, texturas, inclusive odores e temperaturas?

É muito importante que seja feita uma leitura e interpretação assertiva desse tópico, levando em consideração todo o contexto dessa dimensão para que sua proposição não seja compreendida de forma contraditória às concepções de leitura literária defendida nos documentos oficiais.

Quando o documento propõe diversidade de livros, vamos observar a bibliodiversidade do acervo das salas. “O conceito abarca a diversidade cultural de livros em um acervo composto por títulos que apresentem, em seu conteúdo, diferentes culturas e estéticas abrindo espaço para presença plural de vozes e visões de mundo.” (CERON, 2024,p. 53)

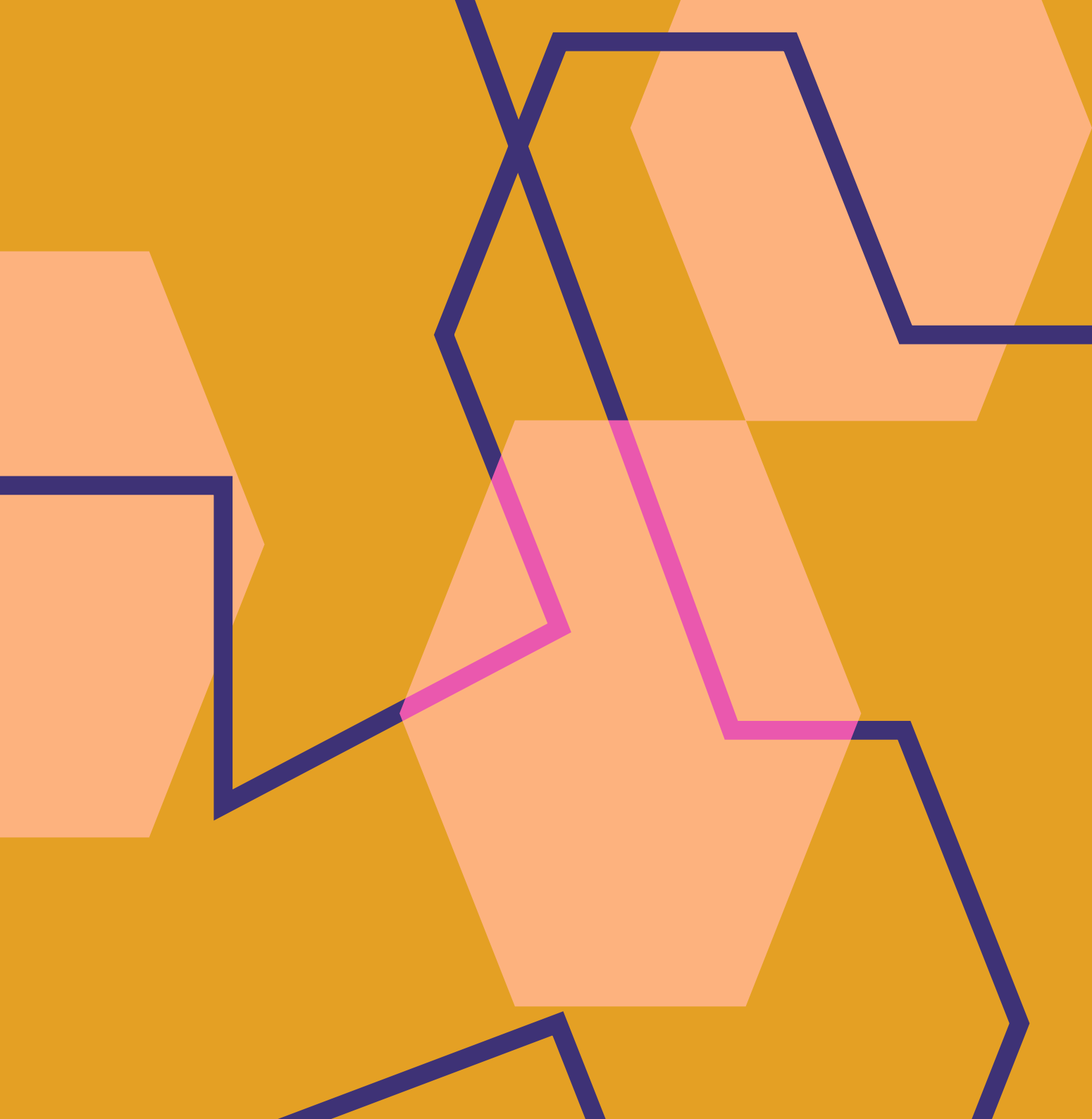
Quanto à materialidade e sensorialidade, é comum atrelar essas características aos livros de banho, livros de tecido, livros com botões que emitem sons, livros com páginas de texturas diferentes. Esses livros não estão no campo do literário e por vezes, suas possibilidades enquanto livros informativos também são empobrecidas, pois tratam o livro como um brinquedo para entreter.

É possível encontrar qualidades materiais e sensoriais em elementos muito mais simples em forma, mas ricos em elaboração estética. Livros literários construídos com diferentes papéis já carregam riqueza de textura, temperatura, cheiro e forma. Também é importante se atentar

a outros materiais que carregam ricas possibilidades de experiência leitora, além dos livros literários:

- caixa de areia
- quebra cabeça
- mapas
- globos terrestres
- manuais de instrução
- livros de receita
- livros informativos
- enciclopédias

Essas são algumas sugestões dentro do campo da cultura escrita que podem ser observados na Dimensão 6, no que se refere à experiência com leitura, além das experiências que podem ser planejadas no cotidiano como a escrita de listas, cartas e outros gêneros textuais envolvidos na prática social de leitura e escrita.



3. Espaços de Leitura e Acervos

A Rede Municipal de Ensino de São Paulo possui um acervo literário infantil de alta qualidade. Nesse contexto, é importante que os livros não fiquem guardados em caixas, mas sejam explorados desde o momento em que chegam às Unidades, ou seja, devem ser organizados e lidos por todos que frequentam e que trabalham na UE. Sendo assim, os livros não devem permanecer nas estantes, pelo contrário, a leitura literária deve ser parte frequente e sistemática da formação da educadora e do educador. Conhecer o acervo disponível é fundamental para orientar escolhas qualificadas para as práticas literárias. Além disso, o conhecimento do acervo facilita a organização e o planejamento, reduzindo a improvisação e garantindo uma abordagem mais segura. Ao familiarizar-se com as obras literárias, as educadoras e educadores podem explorar uma variedade de temas, gêneros e estilos, ampliando assim seu repertório literário e enriquecendo sua experiência de leitura. Portanto, investir tempo em conhecer o acervo é fundamental para garantir uma mediação de leitura de qualidade.

Para que o acervo seja aproveitado de forma completa, é essencial o diálogo entre a direção, a coordenação pedagógica e as(os) educadoras(es), garantindo assim que todos tenham acesso aos livros. Repensar os espaços de leitura, a disponibilidade deste acervo em todos os ambientes da UE, a participação das famílias em práticas de leitura literária, aquisição/confeção de mobiliário para que os livros estejam ao alcance de bebês e crianças, são exemplos de ações em conjunto. Isso é fundamental para a criação de uma “Unidade Educacional Leitora”, onde o acervo não só é mantido com cuidado, mas também é ativamente utilizado, com leituras frequentes e discussões sobre os conteúdos lidos, não apenas com bebês e crianças mas também entre todos da Unidade (educadoras(es), coordenadoras(es), diretoras(es), equipe de apoio, etc.).

Um projeto pedagógico eficaz vai muito além do empréstimo de livros às sextas feiras ou do foco em datas comemorativas. Ele envolve a integração constante da literatura no cotidiano educacional, com ênfase na leitura e na interação com os livros como parte essencial do processo de formação leitora de toda a comunidade.

Espaços de leitura

A leitura com bebês e crianças é uma prática que exige conhecimento, planejamento e uma abordagem organizada. A presença de livros de literatura para as infâncias nos espaços educacionais que não estejam diretamente relacionados a um instrumento didatizante, principalmente para alfabetizar, ainda é bastante discutida por pesquisadores



e especialistas. O acesso e a democratização da literatura para todas as pessoas, amplamente defendidos por Antonio Candido (1988) em seu ensaio *O direito à literatura* e por Paulo Freire (1989) em seu livro *A importância do ato de ler* em três artigos que se completam, mostram que o direito à literatura e à leitura, sobretudo para a primeira infância, é uma conquista recente e ainda depende de políticas públicas que fomentem esse direito. Para garantir esse direito, é essencial entender os espaços dedicados à leitura, tanto dentro quanto fora das salas de referência. Criar um ambiente fixo dentro da sala é essencial, ainda que a Unidade possua uma sala específica de leitura. Além de ambientes organizados em diferentes espaços, como corredores, refeitório, hall de entrada, bosque, parque, solário, etc. com uma seleção de livros e

explorar o acervo disponível na Unidade Educacional são passos iniciais importantes para promover ambientes acolhedores e significativos.

a. Seleção de Livros nas Salas de referência

Já vimos que a intencionalidade é fundamental para a seleção dos livros que estarão disponíveis para os bebês e crianças. Além disso, também precisamos considerar alguns critérios fundamentais:

- os relativos à diversidade temática presente nos livros;
- os que concernem à materialidade textual, ou seja narrativas interessantes que não subestimam a capacidade dos leitores;
- os que abrangem a diversidade de autores (nacionais, estrangeiros, gênero, raça e etnia)
- aqueles que se referem às características do projeto gráfico-editorial, ilustrações, tipo de papel, tamanho, etc.

As obras de literatura destinadas às crianças devem abranger uma diversidade de temas, inclusive aqueles considerados fraturantes (Marcundes, 2024): morte, violência, sexualidade, sentimentos considerados “negativos” — como medo, raiva, ciúme, tristeza —, abandono, separação dos pais, pessoas com deficiência, preconceitos em geral, guerras, entre muitos outros, porque essa abordagem enriquece a experiência leitora e contribui para o desenvolvimento integral de bebês e crianças. Ao garantir acesso a uma variedade de temas e perspectivas, a literatura, além de refletir a complexidade do mundo, também possibilita a elaboração de questões difíceis e desafiadoras de forma mais consciente e empática.

A inclusão de temas fraturantes nas obras de literatura infantil não implica necessariamente em sua representação explícita. Pelo contrário, é possível abordá-los de maneira sensível e adequada à idade dos leitores, por meio das ilustrações, ações dos personagens ou discussões indiretas, que possam despertar reflexões e diálogos construtivos.

Historicamente, a literatura infantil tem sido muitas vezes moldada por adultos, que impõem limites e restrições quanto aos temas e conteúdos considerados adequados para os bebês e as crianças. No entanto, essa abordagem pode restringir o potencial estético e transformador da literatura na formação dos sujeitos. Ao invés de cercear o acesso a certos temas, as educadoras e educadores podem desempenhar um papel mediador, auxiliando as crianças a compreenderem e processarem questões complexas de forma segura e saudável. Daí a importância de conhecer o acervo, de planejar e preparar as práticas de leitura literária com os bebês e crianças.

Ao selecionar um acervo plural, seja pelo assunto, pelo gênero ou mesmo pela autoria, as(os) educadoras(res) podem promover uma maior diversidade de experiências de leitura, estimulando a empatia e a compreensão do mundo. Além disso, essa abordagem contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e diversa, ao oferecer às crianças a oportunidade de se verem representadas e de compreenderem a diversidade de identidades e experiências humanas.

PARA SABER MAIS

“Temas fraturantes na literatura infantil: o que são e a importância para as infâncias”.

O vídeo enfatizou a literatura infantil como um meio vital para abordar temas difíceis como violência e divórcio, oferecendo às crianças um ambiente seguro para explorar essas realidades complexas de maneira educativa e empática. Exemplos como “Os Invisíveis” e “Se Eu Abrir Esta Porta Agora” destacaram como histórias e ilustrações podem ser integradas para transmitir mensagens sensíveis de forma acessível.

▶ [DIEI_215_28_ACESS_SRT.mp4](#)





Assista o relato da professora Caroline Gusmão Figueira Santesso, da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Professora Eudóxia de Barros, ganhadora do Prêmio “Leitura literária para a infância” promovido pela SME em 2023.

A educadora desenvolveu o projeto “A leitura literária cotidiana e os artistas por trás das obras como forma de aproximação do livro” e apresentou sua experiência pedagógica para o público da Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bologna, Itália em 2024.

▶ <https://drive.google.com/file/d/1A7c8P51H-XAwH3eULIN-865TFiZ7ObOP/view>



Portanto, os livros disponíveis nas salas de referência e também em outros espaços de leitura devem contemplar uma diversidade de temas, personagens, narrativa, autores, etc. A escolha dos livros que chegam às mãos dos bebês e crianças é geralmente feita pelas(os) educadoras(es). Se uma(um) educadora(or) opta por ler exclusivamente obras de uma única autora ou autor, mesmos temas, ou mesmos gêneros literários, etc., sem intencionalidade, bebês e crianças terão acesso limitado a essa única perspectiva. Embora essa obra possa ser interessante e premiada, etc, como vimos, é imprescindível oferecer uma variedade literária para enriquecer a experiência de bebês e crianças.

b. A importância da Bibliodiversidade

A diversidade de gêneros literários, autores, editoras, origens e temas

é fundamental para compor um acervo literário de qualidade. Essa variedade também orienta as aquisições de livros para as Unidades Educacionais, assegurando que bebês e crianças sejam expostas a uma ampla gama de experiências literárias.

O conceito de bibliodiversidade traz, em sua expressão, a junção do conceito de biodiversidade (conjunto de diversas espécies disponíveis no meio) ao livro (toda a cadeia produtiva editorial, equipamentos culturais, acervos e mediadores). Esta diversidade inclui a variedade de autores(as), ilustradores(as), gêneros literários, narrativas e personagens, enriquecendo o repertório cultural. Melo (2023) refere que é fundamental que bebês e crianças encontrem em seus livros representações que reflitam suas próprias identidades étnico-raciais, sociais e culturais, desafiando estereótipos e expandindo sua compreensão do mundo. Além disso, é importante que bebês e crianças de diferentes origens étnicas tenham acesso a narrativas que lhes permitam conhecer e valorizar realidades, culturas e vozes diversas, promovendo respeito e empatia. Incluir narrativas indígenas nesse contexto é essencial para que a história e os costumes dos povos originários tenham uma compreensão mais ampla e respeitosa da diversidade cultural brasileira.

c. Obras Literárias

O que é a literatura? Quais livros podem ser considerados uma boa literatura? É importante refletir sobre as escolhas literárias para a primeira infância. Apesar da existência de um mercado editorial voltado especificamente para essa faixa etária, muitos destes livros não são Literatura. Veja o que a pesquisadora Yolanda Reyes (2011) diz sobre isso:

A literatura se move na esfera do simbólico e apela à experiência profunda dos seres humanos. Desconfie das mensagens explícitas e das morais óbvias. O mercado está cheio de livros infantis que “disfarçam” — sob o título de “conto” — as intenções didáticas dos adultos. Aprenda a diferenciar os manuais de autoajuda das obras literárias. A literatura não pretende explicar valores, letras do alfabeto, regras de polidez ou mensagens ambientais. Leia nas entrelinhas e não escolha um livro só pelo seu tema, mas pela sua forma e pela maneira como um autor constroi uma voz e um mundo próprios. Desconfie dessa linguagem pseudoinfantil, cheia de diminutivos e de histórias *light*, onde os protagonistas são tão perfeitos como ursos de pelúcia. (Seu filho vai ser o primeiro a “não engolir a história”). Os livros infantis podem ser atrevidos, transgressores, irreverentes, sutis, inteligentes, tristes... Todas essas nuances, que constituem a infinita variedade da experiência de um ser humano, alimentarão o mundo interior das crianças e lhes darão as chaves secretas para descriptografar muito sobre sua própria vida e sobre as emoções, sonhos e pesadelos sobre fantasia e realidade.

É importante se atentar à qualidade temática, textual e gráfica do livro. Livros para ensinar: trocar roupas, ser uma boa criança ou que distorcem histórias da tradição oral não são literários. Bons livros não têm endereçamento específico, ou seja, um livro literário de qualidade não tem classificação indicativa, o diferencial estará na intencionalidade e na mediação de leitura.

d. O Papel das(os) Educadoras(es) na Experiência Literária

O papel das(os) educadoras(es) nas práticas de leitura literária nas UEs





é fundamental na mediação entre o livro, os bebês e as crianças. Um mediador é aquele que fomenta a leitura, seja sugerindo ou apresentando um livro, seja por meio da escuta ativa, do diálogo ou da leitura em si. De certo modo, o mediador de leitura atua como uma presença que dá voz ao texto literário, direcionando sua atenção e abertura para estimular a interação e acolher as diversas interpretações da obra lida. É essa figura que desperta nos bebês e nas crianças a curiosidade para explorar os livros.

Como já vimos anteriormente, realizar uma mediação de leitura difere de contar uma história. A principal distinção reside no fato de que, na mediação de leitura, o livro é o elemento central, não sendo necessários outros recursos além da própria leitura (como uso de fantasias, por exemplo).



A arte de contar histórias, ou a contação de histórias que pode ser originada de um livro ou fazer parte da tradição cultural de um povo, pode utilizar diversos recursos (como fantoches, fantasias, objetos e música) e uma performance (oral e corporal) para narrar uma história.

A mediação de leitura consiste em intermediar uma história por meio de um único objeto: o livro. Durante a mediação de leitura, o texto e as palavras não são alterados (há um compromisso em respeitar e enriquecer o repertório do público ouvinte), e o foco é promover uma experiência de afetos e explorar todo conteúdo literário. A prática de leitura pode ser realizada individualmente ou compartilhada em grupos pequenos, pois facilita uma conexão mais profunda com a Literatura e incentiva a investigação individual dos livros disponíveis.



e. A Experiência da Leitura

Bebês e crianças pequenas leem livros também com o corpo, reagindo física e emocionalmente ao conteúdo. Essa abordagem corporal à leitura é uma parte integral da forma como eles descobrem e se conectam com a literatura.

Na primeira infância, a experiência com a literatura vai além da aprendizagem de palavras ou conceitos. É, antes de tudo, a construção de uma relação afetiva entre a criança e quem compartilha a leitura com ela. Ao serem expostas aos livros, bebês e crianças se envolvem em uma atividade intelectual, em um universo sensorial e estético único. Cada página, cada ilustração, cada texto lido em voz alta contribui para a formação de sua identidade e para os processos de simbolização.

A experiência sensorial da leitura na primeira infância, portanto, é fundamental. Os bebês, por exemplo, exploram os livros com todos os seus sentidos: observam as cores vibrantes das ilustrações, tocam as páginas texturizadas, ouvem o som das palavras sendo pronunciadas e até mesmo “saboreiam” os livros com a boca, numa tentativa de compreender o mundo ao seu redor.

Além disso, a experiência estética proporcionada pela literatura aos bebês e crianças é uma das maiores contribuições que podemos fazer para o desenvolvimento delas. As narrativas, as ilustrações que fogem de estereótipos e que provocam os leitores e os momentos compartilhados durante a leitura contribuem para a formação de memórias afetivas duradouras. Essas memórias estabelecem as bases para uma relação

positiva e duradoura não só com os livros literários mas também com o sentimento de pertencimento a uma cultura.

f. Organização do Espaço de Leitura e o Acesso Autônomo aos Livros

Ter uma seleção permanente e acessível de livros na sala de referência é essencial para assegurar o direito à literatura. Além da leitura mediada pelas(os) educadoras(es), é importante que bebês e crianças tenham a liberdade de escolher e explorar os livros por conta própria, também desenvolver suas próprias experiências literárias.

Os livros devem ser facilmente acessíveis para os bebês e as crianças, dispostos de maneira que suas capas sejam visíveis e convidativas. Isso pode ser alcançado por meio de estantes baixas ou cestos, promovendo assim uma relação direta e pessoal dos bebês das crianças com os livros.

Mas os espaços dedicados à leitura na primeira infância vão muito além de simplesmente disponibilizar livros para as crianças. É importante organizar esses ambientes de forma a torná-lo convidativo e estimulante, utilizando caixas, bolsões, varais e outros recursos criativos para expor os livros de maneira acessível e atrativa. As trocas constantes de livros (considerando sempre a bibliodiversidade), a retirada de exemplares danificados e a seleção criteriosa de títulos de qualidade são fundamentais para garantir uma experiência enriquecedora. Esses espaços devem ser privilegiados e visíveis, destacando-se em meio ao ambiente para incentivar a curiosidade e o interesse das crianças pela leitura. É essencial reconhecer que o acesso e a democratização desses livros é uma oportunidade fundamental de estar em contato com a cultura



e que, portanto, deve ser observada e registrada para acompanhar as surpresas que ocorrem na mediação, o percurso leitor e as preferências dos bebês e crianças ao longo do tempo.

g. Observação e Intervenção das(os) Educadoras(es) e a Importância dos Registros Docentes

Registrar as interações dos bebês e das crianças com os livros é fundamental para documentar seu desenvolvimento integral e para planejar intervenções pedagógicas intencionais e eficazes. Os registros fotográficos, em vídeo ou anotações, são orientadores e organizadores para avaliação das atividades realizadas e também as futuras. Desta maneira, os registros servem para historicizar a prática, além de serem essenciais para o planejamento de novas leituras e garantia de elementos da documentação pedagógica.



As(os) educadoras(es) devem observar como bebês e crianças interagem com os livros e, se necessário, fazer intervenções sutis para orientar seu manuseio e investigação. Durante a mediação, observar as reações, os questionamentos, as respostas às provocações feitas pelas(pelos) educadoras(res), as inferências, as hipóteses que as crianças levantam. Também é importante observar os temas de mais interesse, aqueles livros que sempre são solicitados à leitura. Essas observações são valiosas para o registro pedagógico e para planejar atividades futuras.

h. Livros como Objetos Artísticos

Os livros literários são reconhecidos como objetos de arte, destinados à apreciação individual. Cada bebê e criança irá se conectar com as histórias de maneira única, influenciada por suas experiências pessoais.

O designer italiano Bruno Munari (2008) em seu livro *Das coisas nascem coisas* discute o papel social dos livros abordando não apenas o seu conteúdo mas, especialmente, a sua forma. O autor explora como a narrativa visual e as características físicas do papel são capazes de estimular a criança, prescindindo da presença de texto. Dessa forma, o papel e suas características físicas assumem uma importância significativa não apenas como suporte, mas também como elementos essenciais para a comunicação e o conteúdo.

Com os bebês e crianças podemos explorar ao máximo essas potencialidades, as pistas que elementos visuais e táteis dão, sem necessariamente recorrer às palavras. Os livros de literatura para as infâncias que tem um projeto gráfico que usa tamanhos, orientações do papel (paisagem ou retrato), uma variedade de papéis, com diferentes texturas e cores, acreditam que cada um deles carrega suas próprias características comunicativas e que podem ser combinadas com outros elementos para proporcionar uma nova experiência estética aos bebês e crianças.

Importante chamar a atenção para os chamados livro-imagem. A autora/ilustradora Suzy Lee (2012) traz a sensibilidade dos traços e temas nem sempre felizes em suas obras para as infâncias. Ela propõe a imagem como único, potente e suficiente meio de comunicação. Ao propor este tipo de literatura aos bebês e às crianças, proporcionamos o desenvolvimento do senso estético, das capacidades perceptiva e imaginativa, oportunizando que elas, por si mesmas, construam os sentidos da narrativa e atribuam a eles os seus significados.

PARA CONHECER MELHOR O ACERVO ARTÍSTICO LITERÁRIO:

❖ **Lista completa:** [acervo artistico literario v4.pdf](#)

Acervo artístico literário parte 1

O vídeo apresentado por Cássia Viana Bittens aborda o acervo artístico-literário de 2022 da rede municipal de ensino, composto por 15 livros. Ela destaca três obras: *Clap* de Madalena Matoso, um livro interativo com cenas numeradas; *O Livro Sem Figuras* de B.J. Novak, que desafia os leitores a seguir o texto sem imagens; e *Dobras* de Andrés Sandoval, um livro tátil que incentiva a criatividade das crianças.

[DIEI_215_36_ACESS_SRT.mp4](#)

Acervo artístico literário parte 2

Cássia Vianna Bittens apresenta o Acervo Artístico-Literário 2022 da SME-DIEI, focado na formação de bebês e crianças com 15 livros. Cada livro é destacado por suas características literárias e artísticas, sendo recomendados para leitura mediada com bebês e crianças pequenas, promovendo a exploração das relações entre texto e imagem, além de temas como medo e alimentação na natureza.

[DIEI_215_37_ACESS_SRT.mp4](#)

Acervo artístico literário parte 3

Luísa Setton apresenta o “Acervo Artístico-Literário”, enfatizando a leitura de 15 livros em escolas municipais. Destaca a importância de explorar aspectos gramaticais e visuais para enriquecer a experiência de leitura de bebês e crianças. Discute obras como *Infâncias Aqui e Além-*



Mar e Madalena, que conectam diferentes tempos e experiências através da poesia e cores.

[DIEI_215_38_ACESS_SRT.mp4](#)



Acervo artístico literário parte 4

No vídeo, Luísa Setton introduz o “Acervo Artístico-Literário 2022”, composto por 15 livros destinados à formação de professores e ao acervo das unidades escolares. Ela destaca a complexidade dos títulos e a importância de explorar detalhadamente cada obra, preparando o caminho para sua leitura pelas crianças pequenas.

[DIEI_215_39_ACESS_SRT.mp4](#)



Acervo artístico literário parte 5

Cássia Viana Bittens apresenta o acervo artístico-literário de 2023 para escolas municipais, composto por 15 livros. Destaca-se *Cântico dos Cânticos*, de Angela Lago, e *Todas as Pessoas Contam*, de Kristin Roskifte, promovendo leituras que ampliam repertórios e estimulam reflexões sobre identidade e coletividade.

[DIEI_215_40_ACESS_SRT.mp4](#)



Acervo artístico literário parte 6

Luísa Setton apresenta dois livros do “Acervo Artístico-Literário 2022”. O primeiro é *Ismálias*, um poema com formato inovador e ilustrações que exploram a dualidade entre céu e mar. O segundo é *Espelho* de Suzy Lee, parte da *Trilogia da Margem*, que utiliza a interação com o reflexo e a dobra do livro para criar uma narrativa visual única.

[DIEI_215_56_ACESS_SRT.mp4](#)



i. Expandindo a Sala de Referência

Para expandir o espaço disponível na sala de referência, é essencial planejar a disposição das mesas e cadeiras, para que o ambiente seja mais acolhedor e menos distanciado. Ao organizar o ambiente com mesas e cadeiras ocupando maior espaço, estamos fazendo uma escolha por limitar a organização de diferentes contextos e reduzindo as possibilidades de variação dos espaços. Ao reduzir a quantidade de mesas e cadeiras, abrimos espaço para mais possibilidades. Esta ação não só liberará área útil, promovendo uma sensação de amplitude e flexibilidade, mas também facilitará a reconfiguração do ambiente para atender a diversas necessidades de bebês e crianças. É importante revisar se a quantidade de mesas e cadeiras presentes na sala é realmente necessária e experimentar outras organizações para abrir um leque de possibilidades que possam reinventar e otimizar o uso dos espaços.

É importante ressaltar que essa estratégia se baseia na compreensão do desenvolvimento integral e individual de cada bebê e criança, reconhecendo que nem todos os bebês e crianças se engajam nas



mesmas atividades simultaneamente. Isso permite que, individualmente ou em pequenos grupos, explorem a sala de referência de maneira que melhor atenda ao seu desenvolvimento e curiosidade.

j. Ampliando os Espaços de Leitura

A experiência literária não deve se limitar à sala de referência. Levar os livros para espaços externos pode oferecer novas perspectivas e sensações, enriquecendo a experiência de leitura. A criação de um ambiente de leitura amplo e acessível é fundamental para o incentivo à Literatura na primeira infância. A seleção cuidadosa de um acervo diversificado e a organização de espaços de leitura convidativos são essenciais para cultivar o hábito leitor.

Acervos

Quando pensamos em bibliotecas, a imagem que surge é a de um local repleto de livros distribuídos por inúmeras estantes. De fato, as bibliotecas visam atender a uma ampla diversidade de usuários, oferecendo uma vasta gama de gêneros literários, incluindo literatura juvenil, romances, bem como materiais de referência, como dicionários e publicações periódicas. Contudo, as Unidades Educacionais não dispõem de bibliotecas, mas sim de salas ou espaços dedicados à leitura, que acolhem bebês, crianças, jovens e adultos para interagir com os livros disponíveis.

Na primeira infância, a organização do acervo literário nas salas de referência é feita de maneira especial, não necessitando de muitas estantes ou de muitos livros simultaneamente. A chave está na intencionalidade e na diversidade, ou melhor, na bibliodiversidade, que contempla uma variedade de vozes, temas, autores de diferentes partes do país e do mundo, e uma rica multiplicidade de ilustrações.

a. Seleção Criteriosa

As UEs contam com um variado acervo literário de qualidade (periodicamente atualizado com novos títulos) que é submetido a um rigoroso

PARA SABER MAIS

A curadoria dos livros e a importância de projetos literários nas unidades

Ana Barbara, formadora da Secretaria de Educação de São Paulo, destaca a importância da curadoria de livros para a Educação Infantil. Ela ressalta que a seleção busca diversidade e qualidade, considerando a forma e a narrativa dos livros, e não apenas o conteúdo. O programa “Leia, professora! Leia, professor!” incentiva a leitura entre educadores, promovendo clubes de leitura para troca de experiências.

[DIEI_215_8_ANA_CURADORIA_LIVROS_ACESS_SRT.mp4](#)



critério de seleção de uma Comissão formada por educadoras(es), gestoras(es), formadoras(es) e sociedade civil.

Esses livros, disponíveis em locais específicos na UE, devem ser acessíveis tanto para Diretoras(es) e Coordenadoras(es) quanto para educadoras(es), e selecionados por essas(es) mesmas(os) profissionais, para circular pelas salas de referência e outros espaços, como corredores, refeitórios etc. Assim, para que haja a montagem de um acervo circulante e com intencionalidade específica, as(os) Educadoras(es) devem conhecer e ler o acervo da Unidade.

b. Manutenção do Acervo

Assim como cobertores e brinquedos são limpos, os livros também precisam de higienização. A presença de livros em diversos locais pode suscitar preocupações quanto à conservação dos exemplares, mas a mediação e intencionalidade da leitura devem ser práticas constantes. Livros danificados devem ser descartados conforme as diretrizes municipais, mantendo o acervo atualizado e em boas condições.

A seleção intencional do acervo, considerando a diversidade e os objetivos educacionais, enriquece a experiência literária dos bebês e das crianças. É necessário que a Unidade Educacional tenha um acervo organizado e acessível às/aos Educadoras(es), revisado periodicamente para refletir a diversidade literária e atender às necessidades e interesses dos bebês e das crianças.

Consultar a portaria [Nº 166, DE 08/01/2015](#) – Dispõe sobre desfazimento de materiais didáticos e/ou de apoio considerados irrecuperáveis, desatualizados ou inservíveis, no âmbito da Secretaria Municipal de Educação e dá outras providências



c. Critérios de qualidade

As obras literárias para as infâncias, como expressão artística, utilizam imagens, palavras e o discurso para reinterpretar a realidade conforme os valores e referências do autor e o contexto histórico em que a obra foi publicada. Este contexto implica em mudanças nos meios de produção e na compreensão da realidade, tanto pelo autor quanto pelo leitor, ambos inseridos na sociedade. Na literatura contemporânea disponível, observamos uma variedade de recursos discursivos, textuais, gráficos e editoriais muito diferentes dos utilizados décadas atrás. Assim, a leitura se torna uma experiência estética, ética, intelectual e afetiva.

Para que essa experiência se dê, além da mediação, é preciso que as educadoras e educadores saibam selecionar os livros com critérios de qualidade que sejam aderentes às concepções de infâncias e de educação que são expressas nos documentos e regem o fazer educativo da RMESP. Como dito anteriormente, os livros que chegam às UEs já passam por uma seleção criteriosa, porém, as UEs também tem autonomia para adquirir livros e, dessa forma, é esperado que atendam às recomendações enfatizadas a seguir:

RECOMENDAÇÕES E CRITÉRIOS PARA A ANÁLISE DE OBRAS DE LITERATURA INFANTIL

Para realizar uma análise criteriosa de obras voltadas à primeira infância, é fundamental observar aspectos que contribuam para a qualidade estética, textual, visual e temática. As recomendações a seguir visam orientar essa avaliação, considerando o papel da literatura no desenvolvimento estético, ético e cultural de bebês e crianças.

1. Qualidade estética

A obra deve manter uma qualidade estética constante, oferecendo uma experiência literária que não se reduza à função didática. A narrativa deve proporcionar uma leitura envolvente em estilo e linguagem, promovendo o fruição e a complexidade próprios da literatura. Leia *Uma planta muito faminta*, do autor brasileiro Renato Moriconi, e perceba como cada letra, cada palavra e cada imagem estão exatamente no lugar certo, no momento certo. O que começa e termina como uma “possível aula” de botânica transforma-se em uma obra de arte literária e o nonsense, ao brincar com a imaginação e, ao mesmo tempo, propor uma reflexão sobre a cadeia alimentar.

...✧ Para complementar a análise, não perca o vídeo!

2. Qualidade textual

O emprego das palavras, o uso adequado da ortografia, assim como a aplicação de figuras de linguagem devem servir como recursos que possibilitam o sentido poético do texto, proporcionando a fruição. Leia *Infâncias – aqui e além-mar*, dos autores e ilustradores portugueses

José Jorge Letria e Cátia Vidinhas e dos brasileiros José Santos e Guazzelli. Nesta obra, poemas sobre o mesmo tema são escritos e ilustrados em uma língua comum, apesar de separados por um oceano. Observe como cada autor utiliza a linguagem para expressar as diferentes nuances das infâncias.

...✧ Para aprofundar a análise, leia a resenha do livro presente na revista *Territórios e Infâncias* nº 3, página 183.

3. Incentivo à reflexão crítica

A literatura infantil deve promover situações que estimulem a reflexão crítica. A obra deve fomentar nas(os) leitoras(es) uma consciência sensível e inclusiva, incentivando o respeito e a compreensão da diversidade social e cultural.

Leia *Todas as pessoas contam*, da autora norueguesa Kristin Roskifte, e observe como o verbo “contar” transita de uma ação classificatória para uma ação humanizadora, ou ainda, de um valor matemático para um valor ético, revelando a importância de cada indivíduo na construção de um mundo mais justo e inclusivo.

...✧ Para complementar a análise, não perca o vídeo!

4. Inclusão e representatividade

A narrativa (textual e visual) deve evitar estereótipos e preconceitos, a menos que sejam problematizados para promover uma compreensão inclusiva e ampla. Textos e ilustrações devem contribuir para uma leitura inclusiva e representativa, valorizando a diversidade de vivências e culturas, e oferecendo representações complexas e variadas que refletem a pluralidade social, histórica, racial e de gênero.

Leia *Fevereiro*, da autora brasileira Carol Fernandes, e observe como o verão praiano é retratado, capturando o calor e celebração das festas tradicionais da nossa cultura popular.

As ilustrações poéticas despertam o imaginário, reforçam a riqueza das nossas tradições e alcançam uma camada universal, conectando diferentes pessoas leitoras a essa celebração cultural.

...✧ Para se aprofundar na leitura, escute a canção *Filhos de Gandhi* de Gilberto Gil.

5. Respeito ao valor artístico e cultural da tradição

Em adaptações, é importante preservar o valor artístico e cultural de obras da tradição, como contos e lendas, evitando simplificações excessivas que possam comprometer sua profundidade estética e conteúdo.

Leia *Chapeuzinho vermelho e o boto cor de rosa*, dos autores brasileiros Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho com ilustrações de Walter Lara, esta adaptação propõe uma versão do conto tradicional chapeuzinho vermelho, com elementos da floresta amazônica. Embora os desafios essenciais enfrentados pela personagem permaneçam os mesmos, as experiências e paisagens apresentadas são outras.

...✧ Para praticar, descubra qual é o seu conto ou lenda favorito, leia as diferentes versões disponíveis e escolha a sua preferida. Em seguida, reflita sobre o que tornou essa adaptação especial para você.

6. Linguagem autêntica e respeitosa

A linguagem utilizada deve ser autêntica, evitando o uso de uma pseudo-

linguagem infantil, como diminutivos ou expressões que subestime a capacidade comunicativa dos bebês e crianças pequenas. O bebê e a criança devem ser valorizados como leitoras, com uma narrativa que respeite sua inteligência e curiosidade.

Leia *O que tem aí?*, da autora brasileira Rosinha, e observe como as rimas são trabalhadas na narrativa. Longe de simplificações, elas buscam envolver as pessoas leitoras, preenchendo a boca ao serem evocadas, como uma espécie de cócega sonora e convidando a repetição. Conheça mais sobre a musicalidade da palavra no artigo *Experiências poético-musicais em exposições de arte*, presente na revista *Territórios e Infâncias* nº 1, página 230, que apresenta o relato da educadora Mirela Estelles, contando das suas vivências na mediação cultural, integrando cantigas e brincadeiras ao diálogo com o público em exposições de arte.

7. Equilíbrio no tratamento do tema

O tema deve ser abordado de forma equilibrada, sem subestimar ou superestimar a capacidade de entendimento do público infantil. O conteúdo precisa ser acessível e, ao mesmo tempo, oferecer desafios que promovam uma leitura significativa e respeitosa.

Leia *Meu crespo é de rainha*, da autora estadunidense bell hooks. Nesta obra, cujo tema central são os cabelos, as personagens crianças exibem diversos penteados, celebrando a diversidade e propondo, ao mesmo tempo, uma reflexão séria sobre a valorização do cabelo crespo na sociedade.

...✧ Para complementar a análise, leia a resenha do livro presente na revista *Territórios e Infâncias* nº 2, página 172.

8. Relação texto-ilustração

As ilustrações devem contribuir com novas camadas de significado, evitando repetir o que o texto já comunicou. A relação entre texto e imagem deve ser cuidadosamente elaborada para que seja complementar, ampliando a experiência de leitura e o entendimento da narrativa. O ideal é que as imagens tragam informações adicionais, oferecendo nuances que agucem a interpretação e o engajamento do bebê e da criança pequena.

Leia *Meu gato mais tonto do mundo*, do autor francês Gilles Bachelet, e observe a tensão que se cria a cada leitura nas páginas duplas. O jogo entre texto e imagem convida a pessoa leitora a observar cada detalhe das ilustrações e a refletir sobre a narrativa textual (vice-versa), em uma relação ambígua entre palavra e imagem.

...✂ Para complementar a análise, não perca o vídeo!

9. Projeto gráfico

O projeto gráfico deve ampliar a interação do leitor com o livro, incluindo elementos como capa, guardas, contracapa, e a disposição de texto e imagem nas páginas. A organização interna do livro deve estar em sintonia com o conteúdo temático, de modo que o projeto gráfico contribua para o entendimento e a apreciação estética da obra.

Paratextos, quando presentes, devem não interferir na narrativa.

Leia *Ter um patinho é útil*, da autora argentina Isol, e observe como o jogo entre o patinho e o menino se desenvolve por meio do texto, das ilustrações e do projeto gráfico, onde esses três elementos se relacionam de forma intensa e integrada.

...✂ Para complementar a análise, não perca o vídeo!

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Infâncias e territórios [recurso eletrônico]. n. 1, abr. 2022. São Paulo: SME | COPED, 2022. 244 p. Disponível em: acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/revista-infancias-e-territorios/ . Acesso em: 14 de novembro de 2024.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Infâncias e territórios [recurso eletrônico]. n. 2, dez. 2022. São Paulo: SME | COPED, 2022. 262 p. Disponível em: acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/revista-infancias-e-territorios-n-2/#:~:text=2&text=Publica%C3%A7%C3%A3o%20peri%C3%B3dica%20voltada%20para%20educadoras,educa%C3%A7%C3%A3o%20est%C3%A9tica%20desde%20muito%20cedo. Acesso em: 14 de novembro de 2024.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Infâncias e territórios [recurso eletrônico]. n. 3, abr. 2023. São Paulo: SME | COPED, 2023. 263 p. Disponível em: acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/infancias-e-territorios-n-3/. Acesso em: 14 de novembro de 2024.

Além desses critérios de seleção, a importância de um acervo rotativo e intencional para bebês e crianças ganha destaque na promoção de experiências enriquecedoras de aprendizado e desenvolvimento. Uma programação cuidadosamente planejada, com antecedência, permite considerar os interesses imediatos e as curiosidades em constante evolução das crianças. Por esse motivo, a abordagem intencional na curadoria do acervo pode ajudar a diversificar as experiências de leitura e investigação, oferecendo uma variedade de temas, estilos e formas de expressão que despertem o interesse e a curiosidade dos bebês e crianças.

Construindo um Espaço de Leitura com Intencionalidade

a. Planejamento: Defina os Objetivos do Espaço

Antes de tudo, é fundamental definir claramente os objetivos do espaço de leitura. Pergunte-se sobre as necessidades e interesses de bebês e crianças. O espaço deve promover o incentivo à leitura, oferecer certa variedade de livros e ser adaptável a diferentes contextos de leituras. Os objetivos devem orientar todas as decisões subsequentes, desde a escolha dos livros até a disposição dos móveis.

b. Organização: Crie Ambientes Aconchegantes e Funcionais

→ Área Interna: dentro da sala, organize uma área com tapetes macios, almofadas, pufes e estantes acessíveis. Certifique-se de que os livros estejam ao alcance dos bebês e das crianças e que o espaço seja seguro e acolhedor. Se possível, inclua elementos lúdicos,





como pequenas cabanas de leitura, que possam convidar bebês e crianças a explorar os livros.

→ Área Externa: no exterior, aproveite a natureza para inspirar espaços de leitura ao ar livre. Crie espaços com sombra, usando tendas ou árvores, e disponibilize esteiras, almofadas ou pequenos bancos. Inclua elementos naturais, como pedras planas ou troncos de árvores para se sentar, pode enriquecer a experiência.

c. Conhecimento e Seleção

O início do processo de montagem de um acervo intencional para bebês e crianças envolve um mergulho profundo nos livros disponíveis na Unidade Educacional. Um repertório literário amplo e diversificado é a base para esse percurso. Inicie

selecionando de 5 a 7 títulos, dando especial atenção à bibliodiversidade e aos critérios já mencionados anteriormente.

d. Análise Detalhada

Dedique-se à leitura individual de cada livro, anotando suas impressões pessoais. Questione-se sobre os elementos que mais chamaram sua atenção: a paleta de cores é atraente? Como são os personagens? As ilustrações convidam a investigação da página ou a antecipação da próxima? O texto incorpora humor? Essas e outras perguntas ajudarão a compreender cada obra.

e. Investigação das Conexões

Com os livros selecionados dispostos lado a lado, investigue as relações entre eles, considerando aspectos, como formato, tamanho, tipografia e cores das capas, além das personagens. Lembrando que esse procedimento não é uma verificação de homogeneidade entre as obras, mas sim a observação sobre qual o diálogo entre elas. Este é um momento de descoberta e experimentação, então dedique-se a observar atentamente cada detalhe.

f. Agrupamento por Critérios

Escolha um critério específico e agrupe os livros que compartilham características semelhantes. Este passo é fundamental, pois os critérios adotados servem como pilares para a intencionalidade do acervo.

g. Avaliação da Coerência e Definição da Intencionalidade

Revisite suas anotações e avalie a coesão entre os livros selecionados. Se identificar uma unidade de tema ou estilo, articule claramente a intencionalidade por trás do acervo formado.

PARA SABER MAIS

Mapeamento AEL de espaços de leitura em EMEIs

[2º Mapeamento EMEIs.pdf](#)





4. Considerações para reverberar a literatura no cotidiano

Ao reconhecer a variedade de ações existentes, como o Empréstimo de livros, a Ciranda de leitura, a Sacola Literária, o Leituraço, o Amigo Literário, a Maleta viajante — Leitura em família e outros, destacamos a diversidade de abordagens utilizadas para envolver bebês e crianças com a literatura. Essas ações não apenas fomentam a leitura desde a mais tenra idade, mas também contribuem significativamente para o desenvolvimento integral de bebês e crianças. Portanto, este documento visa a fortalecer e enriquecer ainda mais as práticas de promoção à leitura literária na RMESP, consolidando seu papel como agente transformador na formação de leitores proficientes e críticos desde a primeira infância.

Este documento procurou ressaltar a importância da leitura literária e sua profunda ligação com a cultura, bem como os aspectos de inter-relações humanizadoras que ela promove. Ao proporcionar aos bebês e às crianças o acesso a diferentes narrativas, mundos imaginários e

pontos de vista, estamos promovendo suas habilidades emocionais, cognitivas e linguísticas, desenvolvendo sua empatia, compreensão do mundo e identidade cultural. A literatura, assim, se revela como uma oportunidade para promover a diversidade, o diálogo e a inclusão.

Portanto, reiteramos aqui o direito inalienável de todas as crianças à literatura, reconhecendo-a como uma fonte de enriquecimento pessoal e coletivo, capaz de inspirar, ressignificar, transformar e conectar pessoas de todas as origens e experiências.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista desse modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso. O sonho assegura, durante o sono, a presença indispensável desse universo, independentemente da nossa vontade. E, durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito — como anedota, causo, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. (...) Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (...) Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Desse modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.

Antonio Candido, *O direito à Literatura* (2011, p. 176)

5. Acervo complementar de vídeos formativos

No ano de 2023, a equipe da Divisão de Educação Infantil da SME-SP produziu uma série de vídeos com educadoras(es) da Rede, Assessoras Pedagógicas e Pesquisadoras abordando temas do Currículo da Cidade de forma ampla e acompanhadas por cenas de práticas da própria Rede. Foram produzidos 28 vídeos sobre a Leitura Literária na Educação Infantil que compõem esse documento de forma complementar. Segue abaixo os títulos com sinopses, links e QR codes para que sejam utilizados em processos formativos, bem como ampliem os temas já abordados aqui.

1. ESPAÇOS DE LEITURA NAS UNIDADES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

No vídeo, Cássia Bittens destaca a necessidade de oferecer espaços de leitura acolhedores para bebês e crianças pequenas, com uma seleção diversificada de livros para estimular a imaginação. A leitura deve acontecer tanto em locais fixos quanto em áreas externas,



proporcionando diferentes experiências. É importante permitir que as crianças tenham autonomia para explorar os livros.

[DIEI_215_1 CÁSSIA BITTENS ESPAÇOS ACESS_SRT.mp4](#)



2. ▶ A BIBLIOTECA CIRCULANTE

Cássia Bittens aborda a importância da leitura literária para a primeira infância, destacando a necessidade de bibliotecas diversificadas e bem organizadas. A bibliodiversidade é fundamental para estimular a imaginação e promover o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. A leitura diária traz segurança emocional, e a contação de histórias fortalece a conexão com o território educativo.

[DIEI_215_5 CÁSSIA BITTENS ACESS_SRT.mp4](#)



3. ▶ O TRABALHO ESTÉTICO COM A LITERATURA I

Ana Barbara, formadora da Divisão de Educação Infantil de São Paulo, fala sobre estética na literatura, destacando a importância de sensibilidade e criatividade para a escolha de livros para bebês e crianças. Ela aponta que a estética promove empatia e deve ser considerada na literatura infantil, que deve ser vista como arte, não apenas como ferramenta pedagógica. A literatura deve inspirar imaginação e conectar crianças ao mundo de forma significativa.

[DIEI_215_6 ANA O TRABALHO ACESS_SRT.mp4](#)



4. ▶ O TRABALHO ESTÉTICO COM A LITERATURA II

Ana Barbara, professora de Educação Infantil de São Paulo, fala sobre o trabalho estético com a literatura, destacando a importância da sensibilidade e criatividade ao escolher livros para crianças. Com o livro



“Migrando” como exemplo, ela mostra como a estética envolve narrativa, cores e imagens para tratar de temas complexos, como migração.

A professora destaca a necessidade de escolher livros que promovam imaginação e evitem reforçar estereótipos ou mensagens moralizantes.

[DIEI_215_7 ANA O TRABALHO ESTETICO ACESS_SRT.mp4](#)

5. ▶ A CURADORIA DOS LIVROS E A IMPORTÂNCIA DE PROJETOS LITERÁRIOS NAS UNIDADES

Ana Barbara, formadora da Secretaria de Educação de São Paulo, destaca a importância da curadoria de livros para a Educação Infantil. Ela ressalta que a seleção busca diversidade e qualidade, considerando a forma e a narrativa dos livros, e não apenas o conteúdo. O programa “Leia, professora! Leia, professor!” incentiva a leitura entre educadores, promovendo clubes de leitura para troca de experiências.

[DIEI_215_8 ANA CURADORIA LIVROS ACESS_SRT.mp4](#)





6. ▶ AS DIFERENTES CARACTERÍSTICAS DE LIVROS LITERÁRIOS PARA A INFÂNCIA

Ana Barbara, professora de Educação Infantil em São Paulo, explora características dos livros para a infância, questionando o termo “infantil” por sua conotação simplista. Destaca a importância de escolher livros que desafiem e surpreendam, e apresenta exemplos de obras que utilizam a materialidade do livro para enriquecer a narrativa, encorajando uma abordagem mais criativa na seleção e leitura de livros para crianças.

[DIEI_215_9_ANA_BARBARA_LIVROS_ACESS_SRT.mp4](#)



7. ▶ DIFERENÇA ENTRE LER LIVROS E CONTAR HISTÓRIAS

Talita Alves aborda a diferença entre ler livros e contar histórias na educação infantil. Destaca a importância da oralidade desde a antiguidade, promovendo interação e expressão criativa. Enfatiza a responsabilidade na seleção de histórias e ilustrações envolventes, incentivando o desenvolvimento da leitura e imaginação das crianças.

[DIEI_215_10_TALITA_DIFERENCA_ACESS_SRT.mp4](#)



8. ▶ CONTAR E ENCANTAR POR MEIO DE HISTÓRIAS NARRADAS

Paula Pagu, professora Orientadora de Sala de Leitura da Rede Municipal de Educação de São Paulo de São Paulo, discute a prática de contar histórias para bebês e crianças na educação infantil, destacando a importância de encantar por meio da literatura. Ela enfatiza que o contador de histórias deve preservar o foco na narrativa, usando diferentes elementos como voz, gestos e adereços para criar uma experiência lúdica e educativa.

[DIEI_215_15_ACESS_SRT.mp4](#)

9. ▶ OS SENTIMENTOS NAS HISTÓRIAS INFANTIS A PARTIR DA FIGURA DO LOBO

Paula Pagu, Professora Orientadora de Sala de Leitura da Rede Municipal de Educação de São Paulo, explora o tema dos sentimentos nas histórias, destacando o medo através do simbolismo do lobo. Ela ressalta a importância da literatura na compreensão emocional de crianças e jovens, incentivando seu uso para lidar com medos e desafios.

[DIEI_215_16_ACESS_SRT.mp4](#)

10. ▶ O PAPEL DA LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DE UMA GRAMÁTICA VISUAL COM EXPERIÊNCIA PARA LER O MUNDO

Luísa Setton, educadora, explora o papel da literatura na formação de uma gramática visual desde a infância, destacando a interpretação cultural das imagens em diversos meios. Ela sugere que educadores selecionem livros com variedade estética para enriquecer o repertório visual das crianças.

[DIEI_215_17_ACESS_SRT.mp4](#)

11. ▶ TEMAS FRATURANTE NA LITERATURA INFANTIL: O QUE SÃO E A IMPORTÂNCIA PARA AS INFÂNCIAS

Giovana Petrólio, pesquisadora, enfatiza a literatura infantil como um meio vital para abordar temas difíceis como violência e divórcio, oferecendo às crianças um ambiente seguro para explorar essas realidades complexas de maneira educativa e empática. Exemplos como “Os Invisíveis” e “Se Eu Abrir Esta Porta Agora” destacaram como





histórias e ilustrações podem ser integradas para transmitir mensagens sensíveis de forma acessível.

[DIEI_215_28_ACESS_SRT.mp4](#)

12. ACERVO ARTÍSTICO LITERÁRIO PARTE 1

O vídeo apresentado por Cássia Viana Bittens aborda o acervo artístico-literário de 2022 da rede municipal de ensino, composto por 15 livros. Ela destaca três obras: “Clap” de Madalena Matoso, um livro interativo com cenas numeradas; “O Livro Sem Figuras” de B.J. Novak, que desafia os leitores a seguir o texto sem imagens; e “Dobras” de Andrés Sandoval, um livro tátil que incentiva a criatividade das crianças.

[DIEI_215_36_ACESS_SRT.mp4](#)



13. ACERVO ARTÍSTICO LITERÁRIO PARTE 2

Cássia Vianna Bittens apresenta o Acervo Artístico-Literário 2022 da SME-DIEI, focado na formação de bebês e crianças com 15 livros. Cada livro é destacado por suas características literárias e artísticas, sendo recomendados para leitura mediada com bebês e crianças pequenas, promovendo a exploração das relações entre texto e imagem, além de temas como medo e alimentação na natureza.

[DIEI_215_37_ACESS_SRT.mp4](#)



14. ACERVO ARTÍSTICO LITERÁRIO PARTE 3

Luísa Setton apresenta o “Acervo Artístico-Literário”, enfatizando a leitura de 15 livros em escolas municipais. Destaca a importância de explorar aspectos gramaticais e visuais para enriquecer a experiência de leitura de bebês e crianças. Discute obras como “Infâncias Aqui



e Além-Mar” e “Madalena”, que conectam diferentes tempos e experiências através da poesia e cores.

[DIEI_215_38_ACESS_SRT.mp4](#)



15. ACERVO ARTÍSTICO LITERÁRIO PARTE 4

No vídeo, Luísa Setton introduz o “Acervo Artístico-Literário 2022”, composto por 15 livros destinados à formação de professores e ao acervo das unidades escolares. Ela destaca a complexidade dos títulos e a importância de explorar detalhadamente cada obra, preparando o caminho para sua leitura pelas crianças pequenas.

[DIEI_215_39_ACESS_SRT.mp4](#)



16. ACERVO ARTÍSTICO LITERÁRIO PARTE 5

Cássia Viana Bittens apresenta o acervo artístico-literário de 2023 para escolas municipais, composto por 15 livros. Destaca-se “Cântico dos Cânticos”, de Angela Lago, e “Todas as Pessoas Contam”, de Kristin Roskifte, promovendo leituras que ampliam repertórios e estimulam reflexões sobre identidade e coletividade.

[DIEI_215_40_ACESS_SRT.mp4](#)



17. ACERVO ARTÍSTICO LITERÁRIO PARTE 6

Luísa Setton apresenta dois livros do “Acervo Artístico-Literário 2022”. O primeiro é “Ismália”, um poema com formato inovador e ilustrações que exploram a dualidade entre céu e mar. O segundo é “Espelho” de Suzy Lee, parte da “Trilogia da Margem”, que utiliza a interação com o reflexo e a dobra do livro para criar uma narrativa visual única.

[DIEI_215_56_ACESS_SRT.mp4](#)

18. CONHECENDO O LIVRO POR DENTRO: A MATERIALIDADE COMO ELEMENTO NARRATIVO NOS LIVROS PARA A INFÂNCIA

Angela Mendes discute a materialidade dos livros infantis e destaca como formatos inovadores, como livros sanfonados e encartados, ampliam a narrativa dos livros. A artista e designer apresenta alguns livros e explica seus projetos como fonte narrativa..

[DIEI_215_41_ACESS_SRT.mp4](#)



19. A MATERIALIDADE DO LIVRO COMO ELEMENTO DA FORMAÇÃO LITERÁRIA DE EDUCADORAS E EDUCADORES

Janaína Freire discute a materialidade dos livros, destacando como seus elementos físicos (como formato, papel e ilustrações) influenciam a experiência de leitura. Reflete sobre a relação entre leitor e livro, citando exemplos de obras que exploram criativamente esses aspectos. A materialidade é vista como essencial para enriquecer a formação literária e despertar a criatividade dos leitores.

[DIEI_215_47_ACESS_SRT.mp4](#)



20. LINGUAGEM VERBO-VISUAL: O LIVRO, AS PALAVRAS E AS FORMAS

Priscila Pinheiro discute a importância da linguagem verbo-visual nos livros, destacando a redução de imagens à medida que envelhecemos. Ela sugere explorar livros ilustrados e autores de literatura verbo-visual, como “Persépolis” e poetas concretistas, para enriquecer a experiência de leitura com crianças. A palestra incentiva professores a revisar suas bibliotecas e considerar essas características na leitura.

[DIEI_215_54_ACESS_SRT.mp4](#)





21. O PAPEL DA LITERATURA NA VIDA DAS CRIANÇAS E ADULTOS

O vídeo apresenta Ana Barbara, Professora de Educação Infantil, discutindo o papel da literatura na vida das crianças e adultos. Ela destaca a importância de romper barreiras entre literatura infantil e adulta, e introduz a autora Gabriela Romeu, que explora narrativas das infâncias, enfatizando a diversidade e a leitura de imagens.

[DIEI_211_30_ANA_BARBARA_ACESS_SRT.mp4](#)



22. DESENCARCERAMENTO DOS LIVROS

William Silva, Coordenador Pedagógico, apresenta o projeto “desencarceramento dos livros” para tornar a leitura central na educação infantil. O projeto reclassifica e organiza os livros em cada sala, facilitando o acesso e incentivando a interação diária das crianças com a literatura.

[DIEI_211_31_ACESS_SRT.mp4](#)



23. LITERATURA COMO TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Juliana Mutafti explora a literatura como tecnologia na educação infantil, comparando livros impressos e digitais. Ela destaca a importância da democratização do acesso aos livros e como a tecnologia enriquece a educação das crianças.

[DIEI_211_53_ACESS_SRT.mp4](#)



24. ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE ESCOLAR NA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA

A EMEI Mário de Andrade em São Paulo foca em educação antirracista e ambiental, integrando práticas que promovem diversidade étnico-

racial. Durante a pandemia, iniciativas como “Conhecendo o Continente Africano” foram desenvolvidas, incluindo livros étnico-raciais na sala de leitura e incentivando crianças a explorarem culturas africanas através de contos e atividades.

[DIEI_214_22_ACESS_SRT.mp4](#)

25. MEDIAÇÃO E LEITURA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Dianne Melo enfatiza como a mediação de leitura na primeira infância é essencial para o desenvolvimento infantil. Pais e educadores desempenham um papel crucial ao introduzir livros às crianças, cultivando não apenas habilidades de leitura, mas também imaginação e empatia desde cedo. Investir nesse processo não só enriquece o repertório cultural dos pequenos, mas também fortalece os laços familiares e prepara-os para um futuro acadêmico sólido.

[DIEI_216_15_ACESS_SRT.mp4](#)

26. A LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sandra Regina Farina de Lima compartilha como envolve crianças na escrita e reflexão através de atividades diárias, registros de experiências e literatura. Ela utiliza estratégias como a criação de livros de vivências e convites para eventos, enriquecendo o aprendizado e o prazer pela escrita. A prática inclui também atividades ao ar livre e a celebração de eventos para ampliar a experiência educativa.

[DIEI_216_19_ACESS_SRT.mp4](#)





27. LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS ALÉM DA LEITURA DE LIVROS COM TEMAS ANTIRRACISTAS

Neste vídeo, Ana Barbara explora o tema “Literatura para as Infâncias: Além da Leitura de Livros com Temas Antirracistas”. Ela discute como a literatura não só humaniza, mas também como é crucial escolher livros que representem diversas realidades e evitem reduzir os personagens a papéis unilaterais. Assista para entender a importância de uma seleção literária cuidadosa e inclusiva.

[DIEI_216_21_ACESS_SRT.mp4](#)



28. FORMAÇÃO DE LEITORES

Dianne Melo, especialista em Linguística, discute a importância de formar leitores desde a infância através do afeto, diálogo e intencionalidade. Ela enfatiza que a educação deve promover experiências estéticas e significativas, valorizando a diversidade e a reflexão crítica. O objetivo é criar cidadãos críticos e empáticos, não apenas alfabetizados.

[DIEI_216_18_ACESS](#)



Referências

ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. Tradução: Carmem Cacciacarro. 1. ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BITTENS, Cássia V. (org.). *Literatura de berço*: sobre o livro para bebês e a leitura na primeira infância. 1. ed. São Paulo: Bon Bini, 2023.

BITTENS, Cássia V. *O universo literário ao alcance daqueles que ainda não leem: tendências contemporâneas da literatura para bebês*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

BRÄKLING, Kátia Lomba. *Matriz de Critérios para Seleção dos Livros de Literatura*. Não publicado.[S.l.: s.n.], 2017.

CABREJO PARRA, Evelio. *Lengua oral: destino individual y social de las niñas y los niños*. México: Fondo de Cultura Económica, 2020. *E-book*

CANDIDO, Antonio. "O direito à Literatura". *In*: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CERON, Daniela Silvério. *Bibliodiversidade literária na primeira infância: reflexões sobre a relação de obras aprovadas para o projeto Minha Biblioteca CEI/EMEI da rede pública de São Paulo*. 2024. 113 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

GOLSE, Bernard; AMY, Gilbert. *Bebês, maestros, uma dança das mãos*. Tradução: Mariana Negri. 1. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

GOLSE, Bernard; DESJADINS, Valérie. “Corpo, formas, movimentos e ritmo como precursores da emergência da intersubjetividade e da palavra no bebê”. Trad. Regina O. de Aragão. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo: AUPPF, v. 8, n. 1, jan./mar. 2005.

GONZALEZ-MENA, Janet; WIDMEYER EYER, Dianne. *O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche*. Tradução: Gabriela Wondracek Linck. 9. ed. Porto Alegre: Pensa, 2014.

LEE, Suzy. *A trilogia da margem: o livro-imagem segundo Suzy Lee*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LÓPEZ, María Emilia. *Um mundo aberto: cultura e primeira infância*. Tradução: Cícero Oliveira. 1. ed. São Paulo: Selo Emília, 2018. v. 1

MARCONDES, Giovana Petrólio de Oliveira. *Temas fraturantes na literatura infantil: desmistificando tabus*. São Paulo: [s.n], 2024.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 4. ed. São Paulo: Global, 2016.

MELO, Dianne Cristine Rodrigues de. *Da mediação à formação de leitores literários: afetos, diálogos e intencionalidade*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) — PUC. São Paulo, 2023.

MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. Trad. José Manuel de Vasconcelos, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MUTAFI, Juliana Gonçalves. *Mutações do maravilhoso no conto de fada: contemporâneo: A princesinha medrosa, Odilon Moraes e Uma noite muito muito estrelada, Jimmy Liao*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudo: Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2021. 108p.

NOVAES COELHO, Nelly. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PAZ, Octavio. *O Arco e A Lira*. Cosac Naify: São Paulo, 2012

PETIT, Michèle. *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. Tradução: Julia Vidile. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019. v. 1

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 1.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. *Saberes do bebê*. 1. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2019. v. 1.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. *Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual*. 1. ed. São Paulo: Rosari, 2013.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordena-

doria Pedagógica. *Currículo da cidade: Educação Infantil*. São Paulo: SME/COPED, 2022.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Currículo da cidade: educação antirracista : orientações pedagógicas : povos afro-brasileiros*. — São Paulo : SME / COPED, 2022.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Currículo da cidade: povos indígenas* — São Paulo : SME / COPED, 2019.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Currículo da cidade: povos migrantes* — São Paulo : SME / COPED, 2023.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. *Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana*. — São Paulo : SME / DOT, 2016.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Sala de leitura: vivências, saberes e práticas* — São Paulo : SME / COPED, 2020.

VAN DER LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.



